Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 3.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 747 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

Presidenciais Segunda volta está a tornar-se inevitável pela primeira vez em quatro décadas PÁGS. 4-5

Auditoria Portugal pode executar apenas metade das metas do PRR que só perde 18% dos fundos PÁG. 14

Mercado Sporting oficializou Harder, Benfica garantiu Aktürkoğlu e Djaló rumou ao Porto PÁGS. 22-23

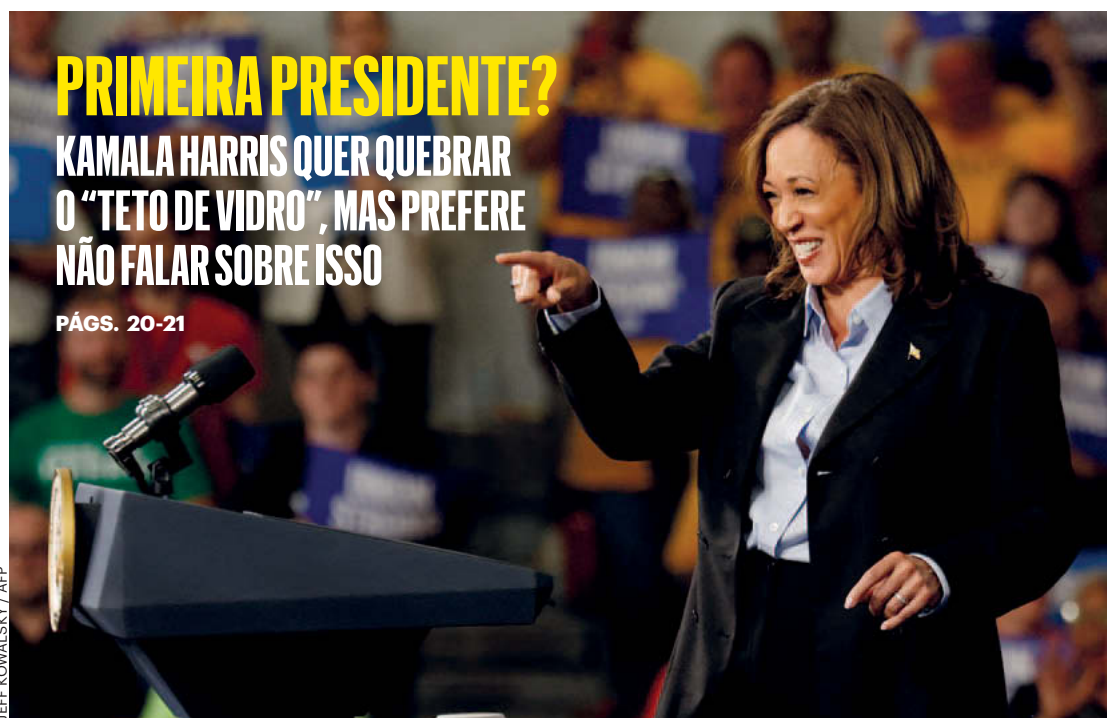
QUEDA DE HELICÓPTERO DO INEM DEIXA SOCORRO NOTURNO SÓ COM UMA AERONAVE

EMERGÊNCIA "Sem este helicóptero obviamente que o socorro fica comprometido", diz Paulo Paço, presidente da Associação Nacional de Técnicos de Emergência Médica. Portugal tinha quatro aparelhos sendo que só dois trabalhavam 24 horas. Substituição pode não ser imediata. PÁG. 9

PRIMEIRA PRESIDENTE?

KAMALA HARRIS QUER QUEBRAR O "TETO DE VIDRO", MAS PREFERE NÃO FALAR SOBRE ISSO

PÁGS. 20-21

JEFF KOWALSKY / AFP

ALEMANHA

ASSIMETRIAS, IMIGRAÇÃO E DESEJO POR UM "LÍDER FORTE". COMO A AFD GANHOU FORÇA NA EX-RDA

PÁGS. 17-18

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

FERNANDO ALVIM HUMORISTA, LOCUTOR E APRESENTADOR

"UM SUPERPODER? TERIA O *SUPERAVIT*: QUE AS MINHAS RECEITAS FOSSEM SUPERIORES AOS GASTOS"

PÁG. 13

LISBOA

COLETIVIDADES ABREM NAS FÉRIAS PARA GARANTIR CONTAS EM DIA E DAR SINAIS DE RESISTÊNCIA

PÁGS. 10-11

OPINIÃO EMBAIXADOR **RAIMUNDO CARREIRO SILVA** BRASIL E PORTUGAL: UMA PARCERIA QUE O PASSADO UNIU E O PRESENTE REUNIU PÁG. 8

Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

Os telhados de vidro de Kamala e do seu vice

Embalados por uma aparente onda de popularidade crescente desde que Joe Biden decidiu saltar fora da corrida à Casa Branca, o Partido Democrata dos EUA parece – à primeira vista – ter encontrado em Kamala Harris e o seu "vice", Tim Walz, a receita para derrotar os republicanos liderados por Donald Trump. Algumas sondagens parecem mesmo indicar isso. E no entanto...

Facto é que Harris e Watz conseguiram uma apoteótica Convenção em Chicago e, acima de tudo, têm feito uma inteligente campanha eleitoral focando essencialmente emoções positivas – para contrastar com o discurso mais divisionista de Trump.

Aliás, exceção a isto mesmo foi o muito elogiado à esquerda discurso de Michelle Obama na Convenção, que a dado momento se tornou um apelo ao *black power*, quase roçando o racismo de tão extremo e divisionista que o tom subiu, algo que a maioria dos observadores e comentadores simplesmente não consegue ou não quer ver. A hipocrisia é sempre grande nestes assuntos...

De resto, a mensagem democrata tem basicamente sido desprovida de conteúdos. Dito de outra forma, Harris está a fazer uma campanha ao estilo de Trump: sem medidas concretas, com ideias vagas, a puxar aos sentimentos básicos do seu potencial eleitorado e desprovida de grandes preocupações de coerência com o passado.

Também ninguém lhes tem exigido mais. Os republicanos não aparentam ter hoje, reféns da forma trumpista de fazer política, capacidade de discutir qualquer substância; a comunicação social não está a conseguir (ou a querer) questionar os candidatos de forma mais profunda.

Pelo sim, pelo não, Harris evitou, até à semana passada, dar qualquer entrevista ou conferência de imprensa com direito a perguntas. Fê-lo finalmente à CNN (estação manifestamente "amiga" – mas também tal seria expectável) e ainda que as perguntas, segundo foi anunciado, não tivessem sido combinadas com antecedência, o encontro com a jornalista Dana Bash foi gravado e depois editado de forma a que os segmentos foram intercalados com pequenas peças de *background* que mais pareciam peças promocionais da candidata.

Quanto à entrevista propriamente dita, Bash foi sempre muito *soft* e permitiu coisas como Harris repetir *ad nauseum* a mensagem de propaganda "Os meus valores não se alteraram" à pergunta: "Foi pelo fim do *fracking* e votou pelo *Green New Deal*. Agora diz que já não quer acabar com o *fracking*. O que mudou?" Harris nunca explicou o que mudou no seu pensamento, se é que mudou alguma coisa, nunca foi confrontada com a possibilidade de ter suavizado a sua posição relativamente a esta forma exploração de hidrocarbonetos porque lhe iria custar votos, por exemplo...

Aliás, Dana Bash nunca pressionou a candidata em ponto algum, mesmo quando Harris se recusou a responder à provocação de Trump por este ter dito que ela "só se tornou negra há pouco tempo". Esta foi mesmo a única vez que o rival da entrevistada "entrou" nesta entrevista sobre as presidenciais!

Walz também não ajuda particularmente em aumentar a transparência no discurso político americano, ao contrário do que muitos *media* querem fazer crer. Desde que foi apresentado como o "vice" de Harris, já afirmou publicamente que tinha utilizado armas "na guerra" (contextualizando, para fazer contraste com Trump), quando na realidade ele nunca foi mobilizado para um cenário de operações ativo; afirmou (na Convenção Democrata) que ele e a mulher recorreram a fertilização *in vitro* (FIV) para ter os filhos e que Trump e o seu "vice" J.D. Vance são contra este método quando, afinal, o método que o casal utilizou não foi a FIV (usaram métodos para a reprodução, mas que não implicam a inseminação do óvulo em laboratório), nem Trump é contra aquele método reprodutivo...

Claro que tudo isto é *peanuts* (como dizem os americanos), quando comparado com as alarvidades que Donald Trump e J.D. Vance dizem. É muito triste ver o *Grand Old Party* de Lincoln, Theodore Roosevelt, Eisenhower ou Reagan nas mãos destes lunáticos. Até quando?!

Mas substancialmente, de Harris sabemos só que irá fazer por repor o aborto como lei federal – agenda que, por questões religiosas, até lhe pode custar o voto negro feminino do Sul, que à partida seria "seu"... – e que deverá continuar as políticas do antecessor.

A não ser que os debates tragam alguma surpresa, isto encaminha-se para se decidir como sempre: pela economia. Ou melhor, pela ideia que as pessoas tiverem de qual dos candidatos lhes puser mais dinheiro no bolso ao fim do dia. E nesse aspeto, os republicanos estão quase sempre em vantagem.

OS NÚMEROS DO DIA

275,9

MILHÕES DE EUROS DE DÍVIDA

A dívida pública na ótica de Maastricht, a que conta para Bruxelas, recuou 5007 milhões de euros em julho em termos homólogos, para 275 910 milhões de euros, divulgou ontem o Banco de Portugal (BdP). Relativamente a junho, a dívida pública diminuiu 2119 milhões de euros.

7

CIVIS

foram ontem mortos num alegado ataque do Exército sírio com *drones kamikaze* (aeronaves não-tripuladas que se despenham contra alvos) a uma localidade controlada por rebeldes na Província de Alepo, no norte da Síria, indicou uma ONG.

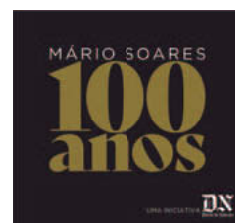
122

MIL ALUNOS SEM DOCENTE

A duas semanas do início do ano letivo, faltam nas escolas mais de 800 professores, diz a Fenprof. Se as aulas começassem hoje, eram aquele o número de alunos sem docente a, pelo menos, uma disciplina.

20

ANOS

O túnel planeado há duas décadas para ligar a estação Casa da Música à da Linha da Boavista do Metro do Porto, que não chegou a ser construída, afinal não poderá ser usado para ligar ao Metrobus, disse a empresa.

3.9.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PRESIDENCIAIS

Segunda volta está a tornar-se inevitável pela primeira vez em quatro décadas

BELÉM Pulverização do eleitorado pelos partidos, falta de candidatos com poder de concentração de votos e provável aparecimento de uma candidatura independente com força eleitoral aproximam sucessão de Marcelo do duelo inédito, e nunca mais repetido, que marcou 1986.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

AUGUSTO SANTOS SILVA
LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

MÁRIO CENTENO
LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

A complicada aprovação do Orçamento do Estado marcará os próximos meses, até porque pode causar uma nova crise política se não se concretizar. No entanto, mesmo havendo antes Autárquicas, que se realizarão entre setembro e outubro de 2025, as atenções já se viram para janeiro de 2026, quando ocorrerá o que promete ser a mais disputada Eleição Presidencial desde 1986.

Numa altura em que a moção com que Luís Montenegro se recandidata (sem opositor) à liderança do PSD estabelece a preferência por um candidato a Belém que seja militante social-democrata e, após Pedro Nuno Santos ter vincado que desta vez o PS terá de se empenhar na disputa – evitando que alguém do outro lado do espetro político suceda a Marcelo Rebelo de Sousa, como ele sucedeu a Cavaco Silva–, não faltam nomes capazes de impedir que alguém possa obter mais de metade dos votos na primeira volta.

Aliás, tal fasquia não mais voltou a ser superada com grande folga (tirando nas reeleições para segundos mandatos, que até hoje não falharam) desde que Ramalho Eanes se tornou chefe de Estado. E existe a convicção generalizada de que nas próximas Presidenciais ocorrerá uma inevitável segunda volta, aquela que só aconteceu em 1986, com Mário Soares a ultrapassar Freitas do Amaral. Ainda que PSD e PS cerrem fileiras atrás dos respetivos candidatos.

Que alteração no espetro político impede a concentração de votos?

As Legislativas e as Europeias deixaram um indicador muito claro, e que persiste em ser confirmado pelas sondagens: a pulverização do eleitorado veio para ficar, com Chega e Iniciativa Liberal a garantirem parte significativa dos votos (à volta dos 20%) que no passado reverteriam para o centro-direita tradicional. Mas mesmo na esquerda, apesar da quebra sofrida pelo Bloco de Esquerda e da CDU, a ascensão do Livre garante que se mantém um considerável núcleo de votos que escapa aos socialistas.

Olhando para os nomes mais prováveis que se perfilam do lado do PSD (Marques Mendes) e do PS (Mário Centeno), os restantes partidos terão motivos para fomentar candidaturas que sirvam de afirmação dos respetivos pesos eleitorais ou até de "provas de vida". À esquerda, o novo secretário-geral Paulo Raimundo pode seguir o exemplo dos antecessores Carlos Carvalhas e Jerónimo de Sousa, o Bloco de Esquerda deve apostar num perfil diferenciado e o Livre dificilmente poderá excluir-se, sobretudo se o PS apoiar o ex-ministro das Finanças e atual governador do Banco de Portugal.

Nos antípodas ideológicos, um duelo centrista Mendes-Centeno motivaria André Ventura a enveredar pela segunda candidatura presidencial consecutiva, enquanto a Iniciativa Liberal ficará pressionada a avançar com uma figura destacada, tendo o seu maior trunfo eleitoral, Cotrim de Figueiredo, a iniciar o mandato de eurodeputado.

CAMINHOS PARA BELÉM

1976 RAMALHO EANES

Apoiado pelo PS, PPD e CDS, e embalado pelo papel decisivo no 25 de Novembro, António Ramalho Eanes tornou-se facilmente o primeiro Presidente da República eleito após o fim do Estado Novo. O até agora único militar a consegui-lo, tendo então apenas 41 anos, ficou à beira dos três milhões de votos (61,59%), enquanto outro candidato ligado à revolução, Otelo Saraiva de Carvalho, que tinha consigo a extrema-esquerda, ficou com 16,46%, à frente de mais um militar, o ex-primeiro-ministro do VI Governo Provisório Pinheiro de Azevedo (14,37%), um independente de direita, e do dirigente comunista Octávio Pato (7,59%).

1986 MÁRIO SOARES

A única Eleição Presidencial disputada a duas voltas deu a vitória ao fundador do PS, Mário Soares, com mais de três milhões de votos (51,18%), ultrapassando o fundador do CDS, Freitas do Amaral (48,82%) por apenas 138 698 eleitores. Valeu mais o apelo do líder histórico comunista Álvaro Cunhal, capaz de convencer os seus apoiantes a votar útil, do que a aposta do primeiro-ministro social-democrata Cavaco Silva. Freitas do Amaral chegou à frente na primeira volta, com 46,31%, que lhe deram larga vantagem sobre Soares (25,43%) e os independentes de esquerda Salgado Zenha (20,88%), que rompeu pessoal e politicamente com Soares, e Maria de Lourdes Pintasilgo. A ex-primeira-ministra não foi além de 7,38%.

HENRIQUE GOUVEIA E MELO

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

LUÍS MARQUES MENDES

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

PEDRO PASSOS COELHO

MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

ANDRÉ VENTURA

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Mas há mais um motivo para antecipar a segunda volta: a candidatura independente de Henrique Gouveia e Melo, que muitos dizem ser possível e não raros consideram provável. O reconhecimento garantido pelo almirante enquanto coordenador da vacinação contra a covid-19, a tradição de bons resultados de *outsiders* (Manuel Alegre e Sampaio da Nóvoa foram os segundos mais votados em 2006 e 2016) e o respeito dos portugueses por militares tornariam plausível que, tal como Ventura, Gouveia e Melo se intrometesse na corrida à segunda volta.

Há quem tenha alguma hipótese de contrariar essa lógica?

Não há dúvidas de que o ex-primeiro-ministro Passos Coelho teria maiores hipóteses de concentrar o eleitorado de direita, podendo agregar apoios tanto no Chega como na Iniciativa Liberal, embora talvez tivesse maiores dificuldades em fazer o pleno no seu próprio partido e enfrentasse alguns anticorpos.

Do lado da esquerda, o antigo presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, que no fim de semana passado foi convidado a intervir no *Fórum Socialismo*, *rentrée* política do Bloco de Esquerda, é considerado como uma alternativa bastante mais agregadora do que Mário Centeno. Mas, tal como no caso de Passos Coelho, poderia abrir uma brecha ao centro.

Quem estará irrevogavelmente fora da corrida presidencial?

Embora Paulo Portas tenha seguido um caminho semelhante ao de Marques Mendes, enquanto comentador televisivo, como antes deles fez o atual Presidente da República, a posição fragilizada do CDS-PP é tida como um dos fatores que afastava o antigo vice-primeiro-ministro da corrida presidencial ainda antes de Montenegro ter estipulado que o candidato apoiado pelo PSD deverá ser um militante do partido.

Do lado do PS, o empenho em voltar a colocar um militante no Palácio de Belém, após os falecidos Mário Soares e Jorge Sampaio, esbarra na indisponibilidade de daqueles que seriam os mais facilmente vencedores, muito embora não tivessem admitido tal desejo: António Guterres só termina o segundo mandato à frente da Organização das Nações Unidas em dezembro de 2026, enquanto António Costa será presidente do Conselho Europeu até ao final de 2027.

Também excluída da corrida, por sua vontade, está a presidente da Fundação Champalimaud (e ex-ministra da Saúde), Leonor Beleza, a quem o líder parlamentar do PSD, Hugo Soares, apontara como tendo perfil para suceder ao seu amigo Marcelo.

1996 JORGE SAMPAIO

A vitória de Jorge Sampaio (53,91%) sobre Cavaco Silva (46,09%), restando apenas esses dois candidatos depois das desistências de Jerónimo de Sousa (PCP) e Alberto Matos (UDP), confirmou o estatuto do ex-líder socialista enquanto construtor de pontes à esquerda, depois de interromper o ciclo da direita na Câmara de Lisboa. Após inéditos dez anos consecutivos enquanto primeiro-ministro, Cavaco Silva falhou na primeira tentativa de ser Chefe de Estado, confirmando-se a viragem de Portugal nas Legislativas de 1995, quando o secretário-geral do PS, António Guterres, suplantou o PSD, então liderado por Fernando Nogueira, e deu início a quatro anos de governação, mesmo sem contar com maioria absoluta no Parlamento.

2006 CAVACO SILVA

A segunda campanha presidencial de Cavaco Silva correu-lhe muito melhor do que a primeira experiência, vencendo logo à primeira volta. Ainda assim, os seus 50,64% representaram a mais curta margem de sempre, menos de 100 mil votos acima da soma da votação dos restantes candidatos. O antigo primeiro-ministro concentrou em si o eleitorado de direita, enquanto a esquerda se dividiu em nada menos do que cinco candidaturas: num duelo entre amigos desavindos socialistas, o independente Manuel Alegre (20,70%) superou o oficial Mário Soares (14,35%), seguindo-se o comunista Jerónimo de Sousa (8,58%), o bloquista Francisco Louçã (5,30%) e o advogado Garcia Pereira, líder do PCTP-MRPP, que não foi além de 0,44%.

2016 MARCELO REBELO DE SOUSA

A abstenção levou a que ficasse por pouco mais de 2,4 milhões de votos, mas o comentador televisivo, professor universitário e ex-líder social-democrata Marcelo Rebelo de Sousa teve uma entrada mais folgada do que o antecessor no Palácio de Belém. Atingiu 52%, quase 30 pontos percentuais à frente de outro académico, António Sampaio da Nóvoa, apoiado por grande parte da esquerda, com mais de um milhão de eleitores consigo (22,88%). Mais atrás ficaram a bloquista Marisa Matias (10,12%), a socialista independente Maria de Belém Roseira (4,24%), o comunista Edgar Silva (3,94%) e os independentes Vitorino Silva (3,28%), Paulo de Morais (2,16%), Henrique Neto (0,84%), Jorge Sequeira (0,30%) e Cândido Ferreira (0,23%).

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

A proposta de Lei do Orçamento do Estado tem de ser entregue no Parlamento até dia 10 de outubro. Depois, começará a discussão.

Quem perde com o sucesso do OE é o PS e o Chega. "É o jogo democrático"

NEGOCIAÇÃO O debate sobre o Orçamento do Estado aproxima-se. Os economistas João Duque, Susana Peralta e Manuel Caldeira Cabral falaram com o DN sobre o futuro das contas públicas.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

"O que eles querem é uma coisa diferente daquilo que dizem", explicou ao DN o economista João Duque, referindo-se aos comentários que têm sido lançados pelos partidos com maior representação no Parlamento, no contexto do Orçamento do Estado (OE) para o próximo ano. O debate ainda não começou, mas os ecos em torno das contas públicas têm sido evidentes, com o PS e o Chega a ameaçarem chumbar as propostas do Governo, por motivos diferentes. "O PS, para tomar o poder, tem de ter o insucesso do poder, porque foi o insucesso do poder que levou à alternância de poder", sugere o professor de economia.

De acordo com a leitura de João Duque, "o PS está a dizer uma coisa" que não quer. "Quer é ter uma justificação política para votar contra um orçamento, sendo esse o cenário que aparentemente para ele traz mais benefício", porque, propõe, "imagine-se que o PS impõe à AD uma série de medidas que resultam numa transformação de Portugal. As pessoas vão reconhecer é quem está no Governo", que "é quem faz ou não faz."

O economista aplica a mesma fórmula ao Chega, sublinhando que o partido liderado por André Ventura "deixou de insuflar e crescer, mas também não quer o sucesso da AD, porque se a AD tem muito sucesso o Chega desaparece."

Numa perspetiva retórica, o economista questiona "qual é a forma de transformar a discussão do Governo num mau desempenho". "É tentar fazer com que ele não consiga fazer aquilo que quer", conclui, destacando os vários travões ao OE prometidos por PS e Chega, adiantados há meses por outros partidos como PCP e BE, que já tinham vincado as suas posições ideológicas.

Aos olhos da economista Susana Peralta, toda esta paisagem é um "jogo democrático normal" num Parlamento em que a AD – o partido que forma o Governo – não tem maioria absoluta. Portanto, resta a "negociação". E "cada um anda a tentar condicionar as negociações", analisa.

"O Parlamento toma, assim, uma centralidade maior, e eu vejo isto como perfeitamente natural e expectável", destaca, acrescentando considerações sobre a imposição que o Chega fez, sobre o referendo à imigração, com o objetivo de, em troca, aprovar o OE.

> *"O Chega (...) não quer o sucesso da AD, porque se a AD tem muito sucesso o Chega desaparece."*
>
> **João Duque**
> *Economista*

"O Chega, ao fazer essa exigência, não está à espera de não entrar nas negociações. É uma forma de marcar a posição perante o eleitorado. Eles sabem que só num mundo muito original e remoto é que o PSD alguma vez poderia aceitar aquela exigência."

No outro lado da trincheira, Susana Peralta também considera que o PS "está a tentar marcar terreno" ao anunciar já o chumbo, mas que na prática não tem a mesma dimensão do chumbo à direita.

"Não parece que seja uma impossibilidade que haja alguma espécie de convergência", avança a economista. "Parece-me óbvio e normal que o PS diga por aqui não vai, ou que aquele é o limite. Por exemplo, o IRC. Não quer dizer que depois não venham a acordar em diminuições cirúrgicas", teoriza.

Comparando com o que aconteceu em 2021, quando o chumbo do OE precipitou novas eleições com a queda do Governo do PS, a economista encara este mecanismo da aprovação ou não aprovação das contas do Estado como "um certo controlo automático de grandes irresponsabilidades", ou seja, os partidos a provocarem uma "crise política". Mesmo assim, lembra, "o país pode funcionar sem um novo Orçamento do Estado", em "duodécimos".

> *"Não parece que seja uma impossibilidade que haja alguma espécie de convergência [entre PS e PSD."*
>
> **Susana Peralta**
> *Economista*

> *"Se o Governo aparece já com todas as medidas (...), queima o próprio espaço que tem para negociar."*
>
> **Manuel Caldeira Cabral**
> *Economista*

Também o Governo não é isento de responsabilidade na negociação e no controlo deste mecanismo político, propõe o economista Manuel Caldeira Cabral.

"Se o Governo aparece já com todas as medidas e não há espaço para medidas dos outros partidos, o Governo queima o próprio espaço que tem para negociar", explica.

Para além disto, o sucesso da aprovação do OE também depende da forma como as medidas são aprovadas e no peso que têm relativamente às despesas ou receitas que geram.

"Não se pode ver as medidas uma a uma, tem de se ver também, no fim, como é que todas elas geram um resultado que seja credível em termos de manter uma trajetória de consolidação orçamental", diz, rematando que "um orçamento é um exercício completo."

"Quando se está a negociar um orçamento com outros partidos, todos querem poder afirmar que foram responsáveis por cedências em alguns aspetos, ou por uma medida de apoio que era limitada ter ido mais longe. Querem também ter esse benefício junto da população, porque têm também o ónus político de estar a aprovar um orçamento", conclui.

vitor.cordeiro@dn.pt

Madeira. CDS mantém apoio ao PSD

O líder do CDS/PP–Madeira reafirmou ontem que é fundamental apurar se houve erros no combate ao incêndio de agosto, mas sublinhou que o partido é "confiável" e, por isso, não vai retirar o apoio ao Governo minoritário do PSD, liderado por Miguel Albuquerque. "O CDS tem diferenças em relação ao PSD. É um partido com autonomia estratégica e política em relação ao PSD, mas o CDS é um partido confiável", disse José Manuel Rodrigues, acrescentando que "não é muito de pedir a demissão de pessoas".

"Neste momento, é muito importante que haja governabilidade e estabilidade política na Madeira", sublinhou, para logo reforçar: "É evidente que, eventualmente, houve erros, houve omissões [no combate ao incêndio] que têm de ser apurados. Se se vier a verificar que isso foi verdade, então quem é poder político na Madeira tem de tirar as devidas ilações políticas, substituindo as pessoas que tiver de substituir".

Já o PS–Madeira garantiu ontem que não vai permitir que o Governo Regional branqueie os erros cometidos no incêndio que lavrou na região durante 13 dias (a área ardida foi superior a 5000 hectares, tendo sido já constituído um arguido após a PJ revelar que o fogo terá tido origem no lançamento de foguetes).

O deputado socialista Rui Caetano afirma que ficou evidente a "falta de coordenação, de articulação e de intervenção atempada" e que o PS vai "denunciar toda a propaganda e as realidades paralelas que este Governo já se prepara para fazer, branqueando tudo, ajudado pelo CDS e pelos partidos da direita".

DN/LUSA

Opinião
Bernardo Ivo Cruz

Timor Leste e o papel de Portugal no mundo

Na semana passada comemorámos os 25 anos sobre a consulta popular que determinou a independência de Timor Leste. E, simbolizando o apoio de vários Governos portugueses, António Guterres – que era Primeiro-Ministro à época – recebeu a cidadania Timorense.

A independência de Timor-Leste deve-se, antes de mais e principalmente, à vontade do seu povo. Antes, os 25 anos de resistência em condições dificílimas, quando a realidade da Guerra Fria e a importância da Indonésia no combate ao comunismo no Sudoeste Asiático impunham um pragmatismo nas relações internacionais que impediam o reconhecimento da razão e do direito internacional que assistiam à causa dos timorenses. E, depois, quando finalmente o mundo e a Indonésia mudaram e foi possível escolher, as filas intermináveis de pessoas que depositaram mais de 75% de votos a favor da independência de Timor.

Durante esses longos anos de aflição Portugal não abandonou Timor à sua sorte e, como potência administradora no quadro da ONU bateu-se, tantas vezes incompreendido e quase sempre sozinho, pelo princípio consagrado na Carta das Nações Unidas da autodeterminação dos povos. De facto, Portugal nunca exigiu a independência de Timor, mas sim que o direito internacional fosse aplicado. E foi através dos mecanismos legais e de pacientes negociações que contribuímos para que os Timorenses pudessem escolher o futuro que desejavam. A questão de Timor-Leste parece demonstrar, assim, que um negociador honesto, independentemente da sua dimensão ou poder, poderá atingir resultados inesperados num quadro multilateral e com base no direito. O que podemos chamar a Diplomacia da Paz.

A autodeterminação de Timor-Leste teve ainda outro efeito lateral, mas importante: Portugal não tem hoje qualquer conflito latente ou declarado no quadro das suas relações diplomáticas bilaterais e os conflitos que temos, nomeadamente na Ucrânia, enquadram-se nos princípios da defesa das e do direito e das organizações internacionais.

Somos, assim, um país que, embora sem capacidade ou apetência para impor soluções no quadro das suas relações externas, demonstrou saber utilizar os mecanismos de direito internacional, de cooperação diplomática e militar e ser um negociador honesto. Não seremos os únicos, mas apresentamos ainda uma característica histórica, essa sim mais singular, que reforça o nosso papel no mundo: poucos serão os estados que tenham um passado e um presente tão universal e que nos permite ouvir e entender as razões e preocupações alheias.

Portugal, juntamente com outros países que partilham os mesmos princípios multilateralistas, deveria assumir claramente a sua natureza de construtor das pontes que tanta falta fazem à paz e à estabilidade do mundo.

Professor Convidado IEP/UCP

Opinião
Raimundo Carreiro Silva

Brasil e Portugal: uma parceria que o passado uniu e o presente reuniu

Há 202 anos, no dia 7 de setembro de 1822, o Brasil nascia como nação independente pelas mãos de ninguém menos que Dom Pedro, herdeiro do trono de Portugal. O príncipe português chegara ao Brasil em 1808, juntamente com a família real, transferida ao Rio de Janeiro na esteira das Guerras Napoleónicas na Europa. Em 1821, com o retorno de D. João VI a Lisboa, coube a Dom Pedro, já na qualidade de príncipe-regente, a missão de administrar o Brasil.

O que se deu na sequência, no entanto, seguiu roteiro distinto: precipitaram-se os acontecimentos e D. Pedro proclamou a Independência, tornando-se imperador do Brasil, com o nome de D. Pedro I.

Ao revisitar episódios célebres da vida do Brasil e de Portugal, não é outra a minha intenção senão lançar luz sobre a indiscutível singularidade dos laços que nos unem. Os eventos que rememoro, sem paralelo entre outras nações, são profundamente ilustrativos da forma como se entrelaçaram as histórias de Brasil e Portugal.

É natural, portanto, que as inumeráveis interseções de nosso passado comum tenham inspirado, ao longo do tempo, debates e reflexões tão fascinantes quanto necessários a respeito da natureza do relacionamento Brasil-Portugal.

É da atualidade dessa fecunda tradição que hoje me sirvo para, na honrosa condição de Embaixador do Brasil em Portugal, refletir sobre "a mais perfeita amizade" prenunciada desde 1825, no Tratado de Paz e Amizade que deu formalmente início às nossas relações bilaterais.

Muito já foi dito a respeito dos fatores que deram origem ao vínculo único que se estabeleceu entre Brasil e Portugal.

O duradouro legado português no Brasil estendeu-se sobre os domínios da cultura, da economia e da sociedade, moldando elementos tão fundamentais para a formação de nossa identidade quanto a língua e as tradições religiosas.

A independência brasileira suscitou ajustes, mas a dinâmica que prevaleceu a partir de então foi a de duas nações soberanas profundamente conscientes de seus laços históricos e humanos como pedras angulares de seu relacionamento.

O vigor desses vínculos fez-se notar não apenas nos fluxos migratórios registrados entre os dois países ao longo do tempo, mas também em momentos particularmente desafiadores, como no período em que muitos portugueses escolheram o Brasil como base de resistência contra a ditadura salazarista, ou quando brasileiros – entre eles o ex-presidente Juscelino Kubitschek – partiram para o exílio, encontrando, em Portugal, abrigo das perseguições sofridas durante o regime militar, que se instalara no Brasil em 1964.

Na virada do século XXI, após a redemocratização do Brasil e a estabilização de sua economia, as interações Brasil-Portugal passaram por transformações substanciais, ganhando complexidade e maturidade decorrentes do adensamento do diálogo político e diplomático, bem como da intensificação das trocas económicas, comerciais e culturais, entre outras dimensões que hoje concorrem para compor o rico e multifacetado mosaico de nosso relacionamento.

O Tratado de Porto Seguro, assinado em 2000, marcou essa mudança de patamar, ao consolidar em um único documento todo o arcabouço de acordos celebrados nas décadas anteriores; sistematizar a cooperação bilateral nos mais diversos domínios em torno da Comissão Bilateral Permanente; e consagrar a igualdade de direitos e obrigações de cidadãos brasileiros e portugueses.

Em registro mais recente, os Governos de Brasil e Portugal, cientes de que as relações bilaterais encontravam-se aquém de seu potencial, promoveram o relançamento de nossa parceria durante a XIII Cimeira Brasil-Portugal, realizada em abril do ano passado em Lisboa, após mais de seis anos de hiato. A próxima cimeira deverá realizar-se no Brasil, no início de 2025, coincidindo com o bicentenário das relações bilaterais.

Hoje, nossos países mantêm uma agenda dinâmica e diversificada, que inclui cooperação em investimentos, comércio, indústria aeronáutica, transição energética, segurança e defesa, ciência, tecnologia e inovação, saúde, educação, cultura e promoção da língua portuguesa.

Nesse cenário, não são poucos os setores em que nossa parceria apresenta potencial cada vez mais promissor. Cito apenas dois. Na indústria aeronáutica, nossa cooperação – que envolve a produção de componentes e o desenho industrial do avião cargueiro KC-390 da Embraer e poderá expandir-se para outros projetos – simboliza uma nova era em nossas relações económico-comerciais de alta tecnologia, ao contribuir diretamente para a geração de divisas e de empregos de qualidade em ambos os países.

Na área de investimentos, a situação também é auspiciosa: Portugal está entre os 20 maiores investidores estrangeiros no Brasil e os crescentes investimentos brasileiros em Portugal já superam aqueles destinados às maiores economias europeias, como Alemanha e França.

Hoje, nossos países mantêm uma agenda dinâmica e diversificada, que inclui cooperação em investimentos, comércio, indústria aeronáutica, transição energética, segurança e defesa, ciência, tecnologia e inovação, saúde, educação, cultura e promoção da língua portuguesa."

No plano global, o engajamento construtivo e os compromissos de Brasil e Portugal com os valores democráticos, o desenvolvimento sustentável inclusivo, o multilateralismo, o respeito ao direito internacional e a defesa da solução pacífica de controvérsias contribuem para fortalecer os meios de que dispõe a comunidade internacional para deter os efeitos simultâneos de mudanças climáticas e disputas geopolíticas cada vez mais intensas e ameaçadoras.

A essa convergência de visões, acrescentamos, este ano, uma vertente inédita: a convite do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Portugal participa este ano, pela primeira vez, das reuniões do G-20. Nesse contexto, a esperada decisão portuguesa de participar, como membro fundador, da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza – iniciativa lançada no passado mês de julho com a presença do Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel – deverá dar valioso impulso à iniciativa.

Haveria ainda muito por destacar. Quero, no entanto, concluir com uma palavra a respeito de um componente que Brasil e Portugal reconhecem ser o principal ativo de nosso relacionamento. Refiro-me às pessoas.

Jamais podemos perder de vista que nenhum dos acontecimentos que forjaram nossa história comum e nenhuma das iniciativas que elevaram nossas relações ao nível em que hoje se encontram teriam sido possíveis sem os portugueses que têm ajudado a formar o Brasil ao longo dos últimos cinco séculos, nem os milhares de brasileiros que vêm dando inestimável contribuição para a prosperidade de Portugal.

Em última análise, o que celebramos no dia 7 de setembro é a contribuição perene de cada um deles – anónimos ou ilustres – para a obra de desenvolvimento do nosso país e para a solidez dos laços que já não apenas unem, mas também reúnem Brasil e Portugal.

Embaixador do Brasil

A aeronave do INEM tombou após ter embatido em ramos de árvores.

DR

Queda de helicóptero do INEM deixa socorro noturno só com um aparelho

ACIDENTE "Sem este helicóptero obviamente que o socorro fica comprometido", diz Paulo Paço ao DN. Portugal tinha 4 helicópteros sendo que só dois trabalhavam 24 horas. Substituição pode não ser imediata.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

"Não é preciso fazer muitas contas para perceber que o serviço já estava comprometido, no modelo atual [dois aparelhos apenas em serviço 12 horas]. Sem este helicóptero obviamente que o socorro fica comprometido", afirma ao DN Paulo Paço, presidente da Associação Nacional de Técnicos de Emergência Médica (ANTEM), a propósito da queda, ontem, de um helicóptero do INEM, em Mondim de Basto. Os quatro ocupantes foram transportados ao hospital de Vila Real, por precaução.

O aparelho acidentado era um dos quatro em funcionamento, ao serviço do INEM. O helicóptero que se preparava para socorrer um trabalhador, numa pedreira, em Mondim de Basto, estava sediado em Macedo de Cavaleiros e operava 24 horas por dia. Os restantes aparelhos, ao serviço do INEM estão sediados em Loulé, também a trabalhar 24 horas por dia, e em Viseu e Évora, estes últimos apenas operacionais 12 horas durante o período diurno. Este horário entrou em funcionamento no início deste ano.

Contactado pelo DN, o INEM não apontou um prazo para a substituição do helicóptero acidentado. "Penso que isso fará parte do protocolo celebrado entre o INEM e a Avincis [empresa que opera os aparelhos], ou seja haver uma aeronave para substituição, para situações destas", acredita Paulo Paço.

> *"O principal risco, desde logo, é o facto de faltar um meio de suporte avançado de vida. Os helicópteros são meios que podem ir diretos ao local da ocorrência."*
>
> **Paulo Paço**
> *Presidente da ANTEM*

O DN colocou a hipótese de o helicóptero sediado em Viseu [o mais próximo do acidentado] poder vir a operar 24 horas por dia. "Penso que não haverá a possibilidade de estender a outra aeronave para um período de 24 horas. Penso que manterá a operação 12 horas", opina o presidente da ANTEM.

Ao mesmo tempo, Paulo Paço reforça que há riscos para a população com um helicóptero a menos. "O principal risco, desde logo, é o facto de faltar um meio de suporte avançado de vida. Os helicópteros são meios que podem ir diretos ao local da ocorrência."

Ao mesmo tempo, segundo o modelo que está montado para a operação dos quatro helicópteros do INEM, Paulo Paço adverte: "Há algo que nós já temos vindo a alertar há algum tempo. Os modos em que funcionam as aeronaves do INEM têm de ser revistos, uma vez que aquilo que deveria ser a função primária destas aeronaves – que é ir ao local da ocorrência e depois transportar, se necessário, as vítimas ao hospital – muitas vezes é a função secundária." O presidente da ANTEM prossegue: "Estes meios, a maior parte do tempo, estão alocados a situações que nós conhecemos como transporte secundário. São situações de evacuação sanitária, por exemplo, de um hospital para outro." E concretiza: "Imaginemos que um doente que se encontre em qualquer zona do país está num hospital que está limitado na sua atuação, por qualquer motivo, e aquele doente precisa de cuidados de saúde mais avançados que esse hospital não pode prestar. Esse doente tem de ser transferido para uma unidade hospitalar mais adequada e sucede, muitas vezes, esse transporte ser feito de helicóptero. O que sucede é que a maior parte das vezes estes helicópteros do INEM o que andam a fazer é este tipo de serviço em vez de fazerem aquilo que seria mais necessário, que é a atuação primária."

Na opinião de Paulo Paço, os quatro meios aéreos do INEM são insuficientes. "Acho que precisaríamos de um quinto helicóptero, na região centro do país. Com esta quinta aeronave haveria a possibilidade – em situações eventuais, como a que aconteceu esta segunda-feira – de um dos meios poder movimentar-se mais para norte ou para sul, consoante a necessidade." Paulo Paço realça a importância de mais um meio: "Nessa situação teríamos sempre, no mínimo, uma unidade para fazer o tal transporte primário."

isabel.laranjo@dn.pt

Funeral da última vítima encontrada

Tiago Pereira, 29 anos, foi o último militar da GNR, vítima do acidente com um helicóptero de combate a incêndios, a ser encontrado no leito do Douro, no sábado, 31. O funeral da vítima, mais jovem do desastre, teve lugar ontem em Castro Daire, de onde era natural, e contou com a presença do primeiro-ministro, Luís Montenegro.
O helicóptero de combate a incêndios florestais caiu no rio Douro na sexta-feira, 30 de agosto, quando regressava de um fogo no concelho de Baião. O piloto da aeronave foi resgatado com vida, com ferimentos ligeiros. Ainda na sexta-feira foram localizados os corpos de quatro militares da GNR. O quinto, Tiago Pereira, foi localizado no sábado à tarde, depois de intensas buscas no local.

Membros dos órgãos sociais do Mirantense Futebol Clube.

Coletividades abrem nas férias para garantir contas em dia e dar sinais de resistência

LISBOA Entre ameaças de fecho e o apoio da Câmara, as associações desportivas e culturais mantiveram intensa atividade em agosto. O DN percorreu a cidade para explicar como vão mantendo as portas abertas.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO**

São 17.00 de uma terça-feira e dois associados do Grupo Desportivo da Mouraria (GDM) já tocam e cantam fado no palácio da Travessa da Nazaré, rua onde funciona aquela associação cultural e desportiva desde 1936. Diferentemente de outras tantas coletividades de Lisboa, que veem a gentrificação na capital ameaçar a existência de lugares com história quase ou mais que centenária, o Desportivo da Mouraria, por ser uma associação municipal, ainda consegue "proteger-se" no mercado.

"Aqui não há a hipótese de venda. Até porque estamos protegidos legalmente, através de um acordo feito entre associação e Câmara há muitos anos. Enquanto pagarmos a renda à Câmara, não saímos daqui. Já houve quem se tenha mostrado em investir no espaço, fazer estacionamentos, hotel, sabe-se lá o quê, mas não enquanto estiver aqui. Até porque, hoje em dia, estamos saudáveis financeiramente", conta Francisco Gomes, conhecido apenas como Sr. Gomes, proprietário do bar do GDM, que ali trabalha há mais de 40 anos.

As finanças do Desportivo da Mouraria, no entanto, nem sempre estiveram saudáveis. Para Francisco Gomes, foi fundamental reestruturar o clube para o manter vivo e fazer com que fosse viável pagar as contas do dia a dia e a renda à Câmara. Segundo o próprio, o clube encontrava-se "às moscas" alguns anos atrás, quando Francisco Gomes buscou modernizar a comunicação da associação: criou página nas redes sociais, incluiu o espaço em roteiros por Lisboa, passou a alugar a esplanada no terraço com vista para o Tejo e o ringue de futebol. Isso tudo sem aumentar o preço das imperiais (1 euro) ou da já famosa "Bifana à Mouraria", de sua autoria.

A remodelação na comunicação e no espaço do clube fez com que cada vez mais jovens ficassem atraídos pelo GDM. Atualmente, é difícil conseguir mesa na

esplanada do terraço em tardes de verão. Portugueses e estrangeiros passaram a frequentar o Desportivo da Mouraria, o que fez com que o clube pudesse equilibrar as contas. Francisco Gomes garante que, hoje em dia, o GDM não tem dívidas, algo inimaginável alguns anos atrás: "Estava muito mal. Para sobreviver foi preciso muita organização e, claro, apoio e presença da malta jovem. Sem isso, não funcionaria", conclui.

No leque de atividades para os associados, o grupo oferece aulas de yoga, treinos de futsal e uma conhecida Escola de Fado, que promove aulas de canto e de guitarra. Aliás, há quem diga nas mais diversas coletividades de Lisboa que o fado surgiu justamente nestas associações culturais da cidade: "Havia até olheiros de fadistas nas coletividades, tal e qual os olheiros de futebol", conta António Lucas, Presidente da Assembleia Geral do Mirantense Futebol Clube, associação visitada pela reportagem do DN logo a seguir à passagem pela Mouraria.

A história de resistência das coletividades

Outras associações de Lisboa não têm a mesma sorte do GDM e lidam com a incerteza do futuro no dia a dia. Entre Arroios, Penha de França e São Vicente, são diversas as coletividades desportivas e culturais que fazem resistir o espírito de bairro destas freguesias. O apoio da "malta jovem", mencionado por Francisco Gomes, é justamente o que associações como o Mirantense Futebol Clube, fundado em 1935, procuram conseguir para manterem os espaços vivos. A alta dos preços em Lisboa nos últimos anos, no entanto, afastou a clientela habitual. "Muitos dos nossos sócios tiveram de sair do centro da cidade com a gentrificação, trocaram zonas como Santa Engrácia e Graça por áreas mais periféricas, especialmente os jovens. Historicamente, as coletividades são frequentadas por quem é do bairro: se um dos dois tem de sair, seja a coletividade, como quase foi o nosso caso, seja os frequentadores, a coletividade acaba", frisa António Lucas.

Segundo ele, além de serem o "berço do Fado", as coletividades são espaços que, sobretudo, foram criados como um ponto de encontro para os trabalhadores do bairro descansarem ao final do dia. Outros três pilares também foram fundamentais para construir a histórias dessas associações.

Fachada da ARA, a associação mais antiga de Lisboa fundada em 1855.

Mudança de sede fez a sala de troféus do Mirantense ficar "apertada".

"O primeiro foi a política, a contestação ao regime salazarista. As pessoas reuniam-se nas coletividades para poderem definir politicamente o que haviam de fazer. Depois, a área cultural, algo que se tem perdido hoje em dia. E por fim o desporto, no caso do Mirantense, ténis de mesa, andebol, futebol, várias modalidades que ao tempo se praticavam. Os rapazes que jogavam à bola na rua descalços não tinham outra hipótese senão recorrer às coletividades, que davam apoio a esses jovens. Lembro-me de que muitos não tinham água em casa e tomavam banho nos chuveiros das coletividades do bairro", completa António Lucas.

Academia do Recreio Artístico, Grupo Desportivo da Mouraria e Mirantense Futebol Clube foram as coletividades visitadas pelo DN.

Em 2020, após 85 anos no mesmo lugar, o Mirantense recebeu uma ordem de despejo e teve de abandonar a sede. Por sorte, um dos sócios do clube era dono de uma loja ao lado e abriu as portas de uma parte da loja que estava sem uso para que o Mirantense pudesse ter uma casa sem se afastar do bairro e de seus associados. Segundo os membros dos órgãos sociais, isso garante que estejam seguros "pelo menos por 5 anos", quando se encerra o contrato de arrendamento.

"Não sabemos o que vai acontecer connosco, mas passa muito por tentar atrair pessoas jovens para agarrar nisto e mostrar resistência. Não é fácil, tem de se ter muito amor para gerir uma associação, mas eu cresci nisso e, mesmo com o meu trabalho, as minhas outras obrigações, não consigo largar. É uma paixão, que inclusive já passei para a minha filha. Ela quis fazer aqui o aniversário de 18 anos", conta emocionada Michele Faro, presidente do Mirantense.

A Academia Recreio Artístico (ARA) é outra que teme passar pelo que o Mirantense sofreu, embora, no caso desta que é considerada a associação mais antiga de Lisboa – fundada em 1855 – o contexto onde se insere seja ainda mais complexo. A ARA fica na Rua dos Fanqueiros, em plena Baixa de Lisboa. No ano passado, recebeu a notícia de que o proprietário que havia adquirido o espaço em 2018, um investidor vietnamita que beneficiou de um visto *gold* e que passou pelo espaço uma única vez, iria vender o prédio. A menos que consiga reverter a decisão, a coletividade mais antiga de Lisboa tem uma ordem de despejo prevista para 2027. Ao contrário do Mirantense, no entanto, não há alternativa viável que permita à coletividade mudar de sede – e nem vontade por parte dos associados.

"Nós só temos interesse em existir na Baixa de Lisboa, não faria sentido ir para outro lugar. A Câmara poderia arranjar-nos, como já fez noutros casos, umas instalações em Chelas, por exemplo. Mas nenhum dos nossos associados e dos nossos vizinhos vão a Chelas, portanto, isto seria acabar com a ARA. Temos duas hipóteses: ficar na Baixa, ficarmos nestas instalações, que é o nosso primeiro interesse, ou então uma solução alternativa nas proximidades, em qualquer outra instalação que nos possa surgir, mas deve ser difícil", lamenta Armando Oliveira, presidente da ARA há mais de 14 anos.

Antes da venda ao investidor vietnamita, Armando conta ter tentado adquirir o espaço. Acrescenta que conseguiu, com apoio dos sócios, que informa serem mais de 300 – pagam uma cota simbólica de 2 euros por mês –, ter levantado quase todo o valor necessário para a compra. O presidente da ARA afirma ter juntado mais de 300 mil euros, ficando a faltar 120 mil para ter o dinheiro necessário para a aquisição. Pediu ajuda à Junta de Freguesia e à Câmara para tentar fechar negócio, mas, sem sucesso, o edifício da ARA acabou por ficar na mão do investidor. Agora, com a ordem de despejo, Armando Oliveira diz que a Câmara se mostra disposta a ajudar, algo que, garante o próprio, poderia ter sido feito antes. "A Assembleia Municipal de Lisboa fez aprovar uma recomendação para que o município adquira as nossas instalações ou então as exproprie para que possamos edificar. Esta deliberação foi aprovada, agora desce às comissões na Assembleia Municipal, estão a ser desenvolvidos os trabalhos. Estamos na expectativa de saber o que daí vai resultar", conclui Armando Oliveira.

Além de associações como a ARA, o Mirantense e a Mouraria, foram muitas as coletividades recém-criadas em Lisboa neste século. A zona dos Anjos foi uma das que mais recebeu associações, como, por exemplo, a Sirigaita, na Rua dos Anjos. Fundada em 2019, com espaço que junta *shows*, *performances* e debates políticos, a Sirigaita sofreu um despejo em março de 2024, mas ainda não entregou as chaves do edifício. Os sócios agora tentam arranjar uma nova casa.

"O nosso primeiro passo foi tentar negociar com o proprietário, o que não deu resultados práticos. Decidimos ficar aqui, não só por uma questão prática, mas porque queremos fugir da lógica do mercado, é uma maneira de nos posicionarmos e resistirmos contra a especulação e a gentrificação nesse bairro, que é cada vez menos de quem verdadeiramente lhe pertence", explica um dos sócios da Sirigaita.

O despejo de históricas e recentes comunidades em Lisboa tem gerado reação e a criação de diversos coletivos em defesa da habitação e da vida destas associações. "Habita!", "Stop Despejos" e "Porta a Porta" são algumas delas. A próxima grande manifestação em defesa da habitação está marcada para o dia 28 de setembro.

nuno.tibirica@dn.pt

Novo ano letivo. Maioria das escolas arranca logo a 12 de setembro

EDUCAÇÃO Diretores garantem estar tudo a postos para o arranque, cumprindo assim o pedido do ministro da Educação. Mas a falta de professores continua a ser um problema e Fenprof já anunciou a primeira greve ao sobretrabalho, horas extraordinárias e componente não letiva.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

O novo ano letivo vai arrancar logo no dia 12 de setembro, uma quinta-feira, na maioria das escolas, cumprindo a vontade do ministro da Educação. Recorde-se que, em julho, Fernando Alexandre, titular da pasta da Educação, pediu para que o arranque do ano letivo tivesse lugar precisamente nessa data, embora as escolas possam fazê-lo até ao dia 16.

Trata-se, segundo Filinto Lima – presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP) –, do arranque mais antecipado das últimas décadas. "Os diretores foram sensíveis ao pedido do ministro da Educação. Ele pediu-nos que tentássemos ao máximo abrir a 12 e a maioria das escolas vai cumprir. Em Vila Nova de Gaia, por exemplo, os 18 agrupamentos do concelho vão arrancar no dia 12", avança ao *Diário de Notícias*.

Contudo, esse arranque poderá ficar ensombrado pela falta de professores. Ontem, em conferência de imprensa, a plataforma sindical Fenprof disse faltarem 800 docentes. Um número que o DN já tinha avançado na semana passada e que deixaria, se as aulas começassem hoje, cerca de 122 mil alunos sem aulas a uma ou mais disciplinas. Mário Nogueira antecipou, por isso, um ano letivo "marcado pelo grave problema da falta de professores." Segundo a contabilização feita pela Fenprof, há pelo menos 890 horários por preencher, que correspondem a 19 598 horas de aulas, 4900 turmas e cerca de 122 mil alunos. Trata-se de horários das denominadas Oferta de Escola, não ocupados no concurso nacional por falta de candidatos interessados. As escolas podem fazer novos pedidos diariamente e, por isso, o número pode variar rapidamente.

Estes horários correspondem apenas aos disponíveis nas ofertas de contratação de escola, a última fase para o recrutamento de professores, somando-se os lugares que ainda estão por ocupar através das Reservas de Recrutamento (RR). Há 21 disciplinas já sem docentes disponíveis para lecionar em várias zonas do país. É o caso de Informática, Português, Geografia, Economia e Contabilidade, línguas estrangeiras, Matemática, Física e Química, entre outras. Lisboa, Beja, Faro e Setúbal lideram os pedidos de horários em Oferta de Escola.

Se as aulas começassem hoje, cerca de 122 mil alunos ficariam sem aulas a uma ou mais disciplinas.

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

> Segundo a Fenprof, há pelo menos 890 horários por preencher, que correspondem a 19 598 horas de aulas, 4900 turmas e cerca de 122 mil alunos.

Greve ao sobretrabalho e horas extraordinárias

A título de exemplo, Mário Nogueira avançou haver 24 professores em falta, na Escola Secundária José Gomes Ferreira, em Lisboa. Também em Lisboa, no agrupamento Eduardo Gageiro (Sacavém), faltam 22 docentes, um cenário que se repete no agrupamento de escolas de Queluz-Belas, com 20 professores em falta, ou, mais a sul, nos agrupamentos de escolas de Odemira e Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, onde há uma dezena de horários por preencher.

"Continuam a faltar medidas de efetiva resolução de um problema que, a arrastar-se, porá em causa o direito constitucional à educação e ao ensino de qualidade para todos, cuja responsabilidade é da escola pública", sublinhou o dirigente da Fenprof, apontando insuficiências ao plano do Governo, *+Aulas +Sucesso*, e aos apoios anunciados para alguns docentes deslocados. Mário Nogueira antecipa que a situação poderá agravar-se a partir desta semana, na sequência da entrega de baixas médicas. A Fenprof comunicou, entretanto, a primeira greve do novo ano letivo, ao sobretrabalho, horas extraordinárias e componente não letiva não tendo, por isso, impacto nas aulas. Uma paralisação contra os "abusos e ilegalidades" em relação aos horários de trabalho.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), não tem dúvidas sobre a continuidade da escassez de professores nas escolas e, apesar do anúncio de um concurso extraordinário de vinculação de docentes, o responsável não acredita em grandes melhorias. "Sabemos que o arranque do ano letivo vai ter a acompanhá-lo, se calhar durante muitos meses, uma nuvem muito cinzenta carregada com um problema nacional e europeu, que é a escassez de professores. E disso não há dúvidas. O ME pode fazer os concursos que quiser, mas se não der apoio para a estadia, não vai resolver o problema. Não há profissão nenhuma onde o trabalhador consiga pagar duas rendas em simultâneo", afirma ao DN.

Se o ano letivo começasse hoje, acrescenta, o cenário seria "catastrófico". "Ainda bem que o ano letivo não começa hoje. Ainda há 10 dias para que saiam mais Reservas de Recrutamento e para que as escolas consigam preencher alguns horários. Mas os horários irão ser preenchidos? Temos de aguardar algum tempo para saber, embora esteja convencido de que esse número elevado poderá baixar substancialmente com as RR", conclui.

Movimento quer proibição dos telemóveis e dos manuais digitais nas escolas

O movimento "Menos Ecrãs, Mais Vida" defendeu ontem a proibição dos telemóveis nas escolas e o fim imediato dos manuais digitais, pedido já feito ao Ministério da Educação (ME). "Ficamos com a clara ideia de que o Ministério não vai seguir essa linha, o que é uma pena", lamenta Mónica Pereira, em declarações à Agência Lusa, no final de uma reunião no ME. Essa decisão está, atualmente, nas mãos dos diretores escolares, definida no regulamento interno de cada escola. Segundo a porta-voz do movimento, o ME vai criar guias informativos para as escolas, mas apesar de reconhecer a importância das campanhas de informação e sensibilização, considera que não chega. Insuficiente é também a posição da tutela quanto aos manuais escolares digitais, acrescenta Mónica Pereira. O ME vai dar continuidade ao projeto-piloto no próximo ano letivo, mas com a realização de uma avaliação de impacto da medida para decidir a sua manutenção a partir de 2025/2026.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Fernando Alvim

Humorista, locutor e apresentador de tv

"Um superpoder? Teria o *superavit*: que as minhas receitas fossem superiores aos gastos"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Teria o *superavit*. Gostava sempre que as minhas receitas fossem superiores ao meus gastos. E que o mundo assim fosse também.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Não penso que seja compatível corrermos e vermos ao mesmo tempo uma série. O Carlos Lopes não venceu a maratona de L.A. a ver os *Sopranos*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Cobra píton, no restaurante Colunas na Amadora. Como tudo na vida, sabia a frango. E bem tenrinha que estava.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Iria para 2070 só para perceber como a Geração X e Z se deram na vida.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Penso que seria o Mickey, um tipo dócil que parece não arranjar problemas. E, tal como eu, sempre com uma *Minie* por perto.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas as que já fiz. Não há nenhuma que não seja embaraçosa, não há forma alguma de decorar a coreografia da *Macarena* e do *Gangnam Style*.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Apenas por um dia, diria que com o príncipe William. Só para perceber se a monarquia é o conto de fadas que dizem.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Não há propriamente uma música que me faça sempre dançar, mas é quase impossível ficar quieto com o *Let's Dance*, do Bowie.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
O *Inception*. porque fala sobre sonhos roubados, memórias resgatadas e a noção de tempo. E há pessoas que como diria Rodrigo Guedes de Carvalho, não têm noção.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Aos 10 anos, o meu bolo de aniversário era uma gigante Bola de Berlim. Aos 50, alguns amigas e amigas tiraram polaroides pouco ortodoxas na minha festa de aniversário e ofereceram-me no final.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Gostava de ser um papa-formigas. Porque é um nome que em nenhum momento engana e que diz logo ao que vai. Adoro animais diretos.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Aletria. Não consigo nunca recusar um prato de aletria. E acho injusto pessoas que só comem aletria no Natal.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Gostava de criar o *Dia Mundial do Mosquito* - feriado mundial - onde nesse dia todas as pessoas fossem obrigadas a matar 20 mosquitos tendo em vista provocar um um coice ambiental. Já tenho um *slogan* e tudo: "Ganhe uma vida, mate 20."

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Gosto de tentar adivinhar como são e o que fazem as pessoas que vejo sem trocar qualquer palavra. Mas nunca sei se acerto ou erro, porque na grande maioria das vezes não lhes pergunto. Não sei, por isso, se terei este dom – é possível que não –, mas gosto de pensar que sim.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
O Obama, parece-me ser uma pessoa sensata e bom conselheiro.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Um homem chega a uma livraria, abeira-se da bancada onde está o livreiro e diz-lhe: "Queria o livro *A Arte de Fazer Amigos*, seu livreiro de merda!"

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Mas por que raio quando dois cães se cruzam na rua, ladram tanto. Mas para quê? O que estão a dizer?

Qual é o seu talento oculto,que poucas pessoas conhecem?
Não tenho nenhum talento oculto. Os poucos que tenho são públicos.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Seria o vermelho, cor do sangue que me corre, cor do meu clube, cor da cara de muitas pessoas – eu incluído – quando vêm a pessoa que gostam e pela qual sentem algo.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Espetacular. Uso espetacular para tudo, até mesmo para acentuar que determinada coisa não foi assim tão espetacular.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma máquina de projeção de realidades, isto é, uma máquina que nos dissesse sem engano o que aconteceria se fizéssemos determinada coisa. Seria de extrema utilidade e poupar-nos-ia uma série de erros.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Um banho turco portátil. Não me perguntem como é possível que exista, mas vos garanto que sim. É *googlarem*.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Possivelmente, *sushi*. tem variedade e é possível que assim não enjoasse. Tenho uma pergunta: será que a pessoa que assa frangos na churrasqueira, come depois frango?

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
O meu pai um dia deu-me um conselho sábio para nunca mais calçar os sapatos ao contrário. Disse-me: "Ouve rapaz, para calçares sempre os sapatos direitos e nunca mais te enganares, primeiro pensa como tu achas que deves calçá-los e depois, faz exatamente ao contrário."

Se fosse um meme, qual seria?
Aquele que atribuem ao Toy, mas que não é o Toy.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Não Fui Eu Que Escrevi.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Seria o Super Mario, que muitos dizem se terá inspirado no súper Mário Centeno.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Aquela do empregado de mesa: "Queria? Já não quer?"

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Tornaria visível o invisível para os olhos. Esta frase foi só para dar um tom poético a este inquérito.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que os holandeses compreendem muito melhor – a nível idiomático – os alemães. Isto é, basicamente aquilo que nos acontece a nós, portugueses, com Espanha, onde maioritariamente os portugueses compreendem melhor o idioma espanhol do que o contrário.

Portugal pode executar apenas metade das metas do PRR que só perde 18% dos fundos

AUDITORIA Tribunal de Contas Europeu alerta para atrasos generalizados na implementação dos planos de Recuperação e Resiliência e lamenta que a Comissão Europeia não preveja a devolução de verbas por incumprimento.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Portugal deixou 45% das metas e marcos que tem de cumprir no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência para o último ano de execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), mas, segundo o Tribunal de Contas Europeu (TCE), se não as conseguir satisfazer totalmente põe em risco, apenas, 18% dos fundos que tem a receber. Uma realidade que se aplica a outros Estados-membros, mas que desagrada ao TCE, que considera que o foco devia estar na implementação efetiva dos projetos e que o seu incumprimento, ou o seu cumprimento apenas parcial, deveria ditar a devolução das verbas associadas. Bruxelas não concorda com a recomendação e diz que o Mecanismo de Recuperação e Resiliência (MRR) da União Europeia (UE) contempla todos os meios para "incentivar a plena execução das reformas e dos investimentos que os Estados-membros se comprometeram a executar no âmbito do PRR".

Em causa está um relatório do Tribunal de Contas Europeu sobre a absorção dos fundos do MRR, auditoria esta que conclui que, três anos depois do início da chamada *bazuca*, que contempla 724 mil milhões de euros de fundos para ajudar os países da UE a recuperarem da pandemia de covid-19 e a tornarem-se mais resilientes "são visíveis atrasos no pagamento dos fundos e no avanço dos projetos". Até ao final de 2023 (o âmbito da auditoria), só 213 mil milhões de euros tinham sido transferidos para os cofres dos vários Estados, menos de um terço das verbas totais.

E este dinheiro não chegou necessariamente aos destinatários finais, designadamente às empresas. Mostra o relatório que, nos 15 Estados-membros que comunicaram dados sobre este assunto, "quase metade dos fundos recebidos ainda não chegou aos destinatários finais", o que leva o TCE a sublinhar que "os milhões da *bazuca* demoram a chegar à economia real".

Questionada sobre um eventual adiamento do prazo de conclusão dos PRR, definido para agosto de 2026, Ivana Maletic, o membro do Tribunal de Contas Europeu responsável pela auditoria, é perentória: "Não reclamamos uma extensão do prazo, reclamamos sim o cumprimento dos objetivos definidos. Não queremos que se estejam a distribuir verbas sem verificar se as metas implícitas em matérias de redução de consumo energético ou em matérias de digitalização foram efetivamente conseguidas". E acrescenta: "Era suposto que tudo isto fosse feito de forma muito rápida. Como podemos recuperar as economias se não formos rápidos a fazê-lo?"

Praticamente todos os países se atrasaram a apresentar os pedidos de pagamento à Comissão, sendo a inflação, falhas no aprovisionamento, incerteza quanto às regras ambientais ou falta de capacidade administrativa as justificações apresentadas.

Portugal até é dos países com maior taxa de verbas já recebidas. De acordo com o relatório do TCE – que se refere apenas até 31 de dezembro de 2023 –, Portugal recebeu já 48% das verbas totais do PRR tendo cumprido, satisfatoriamente, 28% das 341 metas e marcos a que está obrigado. Com maior percentagem de fundos já recebidos só a França, que arrecadou 59% do valor a que tem direito, com 53% das metas cumpridas.

Ivana Maletic considera que Portugal "foi bem-sucedido" na implementação do programa, mas lembra que há ainda "muito a fazer", numa referência ao facto do PRR nacional corresponder a 7,2% do seu PIB. Para o TCE, pacotes acima de 3% do PIB são considerados desafiantes. Ivana diz ainda que o desenho do PRR português "foi inteligente", ao deixar "quase metade das metas e marcos para cumprir no último ano, mas correndo o risco de só perder 18% das verbas totais".

Criado em fevereiro 2021, o MRR financia reformas e investimentos desde a recuperação da pandemia de covid-19 (que começou em fevereiro de 2020) até ao final de agosto de 2026. Centra-se em seis prioridades, em que se incluem a transição ecológica e a transformação digital.

A Comissão Europeia já reagiu ao relatório do TCE dizendo estar a trabalhar de perto com os Estados-membros para apoiar a absorção atempada dos fundos.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Von der Leyen, líder da Comissão Europeia, diz que está a trabalhar com os Estados-membros para garantir absorção dos fundos.

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

22,2

O valor total do envelope nacional, após a reprogramação de 2023, soma 22,2 mil milhões de euros, e pretende apoiar 44 reformas e 117 investimentos. Passou a ter 461 marcos e metas.

Lufthansa sinaliza ao Governo interesse na compra da TAP

AVIAÇÃO Gigante alemão reafirmou vontade de adquirir a transportadora aérea portuguesa. Governo ainda não definiu modelo de privatização e prepara-se para ouvir outros grupos.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A Lufthansa, uma das maiores companhias aéreas do mundo, está interessada na TAP. O CEO da transportadora alemã, Carsten Sporh, deslocou-se ontem de manhã a Lisboa com "a intenção de manifestar o interesse" na empresa portuguesa, soube o DN/Dinheiro Vivo. O gestor esteve reunido, a seu pedido, com os ministros das Finanças e das Infraestruturas com o único objetivo de "sinalizar o interesse". Da reunião, que durou quase duas horas, não saiu nenhum desfecho para a TAP. O Governo quer ouvir outros potenciais compradores.

Este domingo, o jornal italiano *Corriere della Sera* noticiou que o plano da Lufthansa passava por adquirir uma participação de 19,9% na transportadora portuguesa, posição que valerá entre 180 a 200 milhões de euros, e que não carece de comunicação a Bruxelas. No entanto, segundo foi possível apurar, o CEO da Lufthansa não avançou nenhuma proposta concreta de aquisição da TAP, cujo capital é detido a 100% pelo Estado, após a ajuda pública de 3,2 mil milhões de euros devido à pandemia.

O Governo quer vender a TAP no primeiro trimestre de 2025.

Esta não é a primeira vez que a Lufthansa demonstra interesse na TAP. Há cerca de um ano, o gigante alemão revelou que a transportadora portuguesa possuía uma oferta de rotas, com foco na América do Sul (principalmente o Brasil), que completaria a sua rede. O DN/Dinheiro Vivo contactou a Lufthansa para averiguar do interesse e planos para a TAP, mas a companhia não quis comentar.

O Governo de Luís Montenegro ainda não definiu o modelo de privatização da TAP, mas é certo que uma das condições do negócio passa por assegurar o *hub* da companhia em Lisboa. Garantir a melhor proposta financeira é outro dos pontos essenciais nas negociações. Aliás, o Executivo prepara-se para ouvir outros grupos que já manifestaram interesse em comprar a transportadora nacional. Tanto a Air France/KLM como o grupo IAG (detém a British Airways e a Ibéria, entre outras) estão na corrida.

Desconhece-se ainda se o Governo irá vender a totalidade da empresa portuguesa ou optar pela alienação de parte da companhia. Recorde-se que, em setembro do ano passado, ainda António Costa era primeiro-ministro, a privatização da TAP foi aprovada em Conselho de Ministros, e o objetivo estabelecido foi vender "pelo menos 51%" do capital, embora admitindo a alienação da totalidade da empresa.

Com a queda do Governo PS, o processo de privatização ficou suspenso. Agora, o Executivo de Montenegro está a preparar o *dossier* para vender uma parte ou a totalidade da companhia portuguesa no 1.º trimestre de 2025. Há pouco mais de um mês, o ministro das Infraestruturas e Habitação assumiu haver "pressa" na privatização e, inclusive, que "o mercado está disponível para o fazer".

A TAP encerrou o 1.º semestre deste ano a registar lucros de 400 mil euros, bastante abaixo dos 22,9 milhões obtidos em igual período de 2023. A companhia fechou a primeira metade do ano no verde devido aos resultados de 72,2 milhões de euros obtidos entre abril e junho. Nos primeiros seis meses de 2024, transportou 7,7 milhões de passageiros, um crescimento homólogo de 1,6%.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

Reclamações contra operadoras de telecomunicações caem 18%

COMUNICAÇÕES Principal motivo de queixa dos clientes prende-se com falhas no serviço de acesso à internet fixa.

As reclamações contra operadoras de telecomunicações registaram uma queda de 18% no segundo trimestre deste ano face a igual período de 2023, totalizando 14 200 queixas. Já as reclamações sobre serviços postais voltaram a aumentar, 10% em termos homólogos, para nove mil. No total, o regulador Anacom recebeu 23 200 queixas escritas contra prestadores de serviços de comunicações entre abril e junho deste ano, uma diminuição homóloga de 9%.

As falhas no serviço de acesso à internet fixa foram o motivo mais reclamado pelos clientes das operadoras, responsável por 1760 reclamações (12% do total do setor) no segundo trimestre do ano. Entre as principais razões que levaram os utilizadores a reclamar destacam-se ainda a demora ou não resolução de reclamações; a demora ou reparação deficiente de serviços; e as dificuldades no exercício do direito de livre resolução dos contratos. A NOS foi o operador que registou mais reclamações.

No total do primeiro semestre deste ano, a Anacom recebeu 48 400 reclamações sobre serviços de comunicações, menos 11% em termos homólogos. Os serviços postais foram responsáveis por 18 400 reclamações no acumulado dos primeiros seis meses, mais 12% face ao período homólogo. Os CTT foram alvo de 15 400 queixas, 84% do total. **S.S.P.**

Opinião
Luis Vidigal

Quando os empresários digitais se tornam governantes do mundo

A dinâmica entre tecnologia, democracia e governança global tornou-se progressivamente mais complexa, pois à medida que a tecnologia continua a evoluir, está a tornar-se cada vez mais difícil encontrar formas de preservar a integridade das democracias, proteger os direitos dos cidadãos e regular o poder das pessoas que comandam estas plataformas que transcendem largamente as fronteiras nacionais.

Vejamos, a Índia, que, como país mais populoso do mundo, tem atualmente 1441 milhões de habitantes, enquanto o Facebook tem 3065 milhões de utilizadores, o TikTok tem 1582 milhões, ao mesmo tempo que a União Europeia tem 450 milhões de habitantes, perante o Telegram que tem 900 milhões ou o X/Twitter que tem 611 milhões de utilizadores em todo o mundo.

As tecnologias digitais revolucionaram não só a forma como comunicamos, trabalhamos e nos relacionamos, mas também a economia e a geopolítica global, ao gerar grandes riquezas concentradas em muito poucas mãos e ao influenciar o curso dos países e da história.

Pessoas como Elon Musk da Tesla, Jeff Bezos da Amazon e Mark Zuckerberg do Facebook, eram apenas líderes de grandes empresas, que de repente se tornaram também figuras de destaque nas discussões sobre políticas públicas, sustentabilidade, Inteligência Artificial e até exploração espacial.

Elon Musk é um exemplo paradigmático desta transformação de um empresário em político à escala global, pois através da Tesla, impulsiona a transição para energias renováveis e a automação, com a Starlink domina o acesso às telecomunicações, com a SpaceX redefine o papel da Humanidade no cosmos e com a Neuralink explora as fronteiras da interface cérebro-computador, o que levanta questões éticas e existenciais ainda mal avaliadas.

Com a aquisição do Twitter (atual X), Elon Musk ampliou a sua influência nos meios de comunicação social, como arma política para capturar dados privados e moldar a opinião pública, tornando-se um exemplo de como um empresário pode enfrentar e influenciar a política global sem ocupar um cargo formal de governação, como tem acontecido recentemente nos casos do confronto das decisões do poder judiciário no Reino Unido e no Brasil.

Mark Zuckerberg, fundador do Facebook (atual Meta), também tem estado no centro de várias controvérsias políticas, ao ter sido acusado de escândalos como no caso da Cambridge Analytica ou na disseminação de desinformação, para manipulação eleitoral e polarização política, pois no centro desses negócios está sempre a exploração dos nossos dados privados, que fornecemos gratuitamente todos os dias a estas plataformas.

> “A concentração de poder nas mãos de poucos indivíduos, que controlam, tanto os meios de comunicação como as infraestruturas digitais, pode minar os princípios democráticos (...).”

A concentração de poder nas mãos de poucos indivíduos, que controlam, tanto os meios de comunicação como as infraestruturas digitais, pode minar os princípios democráticos, ao permitir que decisões cruciais sejam tomadas por uma elite não-eleita, não apenas disseminando notícias falsas, mas também ao selecionar notícias verdadeiras, embora suficientemente personalizadas para gerar o medo, amplificar convicções e moldar comportamentos.

Os empresários da tecnologia não são eleitos e por isso não estão sujeitos ao mesmo nível de escrutínio e prestação de contas como os políticos tradicionais. A complexidade técnica das suas empresas e produtos, ao utilizar Inteligência Artificial e *big data* em larga escala, dificulta o escrutínio e a compreensão plena dos impactos das suas decisões, por parte do público, dos reguladores e dos poderes judiciários.

Os Governos e as organizações internacionais têm obrigação de intervir urgentemente em práticas empresariais abusivas, como mensagens ocultas em publicidade ou em “notícias”, em que são utilizados algoritmos que personalizam conteúdos de forma a maximizar decisões inconscientes (*dark patterns*), não apenas no consumo de determinados produtos, mas também na manipulação de decisões e comportamentos políticos, a que Yuval Harari chama *hackeamento* das mentes.

Representante da sociedade civil na Rede Nacional de Administração Aberta. Consultor internacional de e-Government

Opinião
Luís Miguel Ribeiro

Progressividade limita o progresso...

Ao longo dos últimos dias temos assistido a um algum destaque nos órgãos de comunicação social quanto à perda de receita fiscal para os cofres do Estado, na sequência das medidas aprovadas pelo Parlamento em sede de IRS, nomeadamente com a prevista descida para os trabalhadores (apenas alguns).

Contudo, tais cálculos sofrem de um sério enviesamento ao não incluírem o impacto que teria para os cofres do Estado a ausência de tais medidas. Considero que em matéria de redução da tributação em sede de IRS o nosso país deve ir mais longe.

Não podemos esquecer que temos uma carga fiscal sobre o trabalho elevada e com uma progressividade excessiva, fazendo com que Portugal se situe entre os países da OCDE que mais tributam para escalões de rendimento bruto mais alto, precisamente onde se concentra a franja da população com maiores níveis de qualificação.

À ideia de que um sistema fiscal progressivo é mais justo não deveremos contrapor também a ideia de que quem não paga ou pouco paga IRS não terá qualquer incentivo a obter maiores níveis de qualificação, porque o potencial acréscimo no rendimento líquido compensa pouco? A progressividade excessiva é precisamente para poder compensar a considerável fatia de contribuintes que pouco ou nada pagam, mas limita a retenção de talento e o progresso do país.

> “Considero que em matéria de redução da tributação em sede de IRS o nosso país deve ir mais longe.”

Será que alguém com responsabilidade governativa (incluindo os Governos anteriores) fez um exercício de simulação quanto aos impactos na arrecadação de receita fiscal em IRS que decorreriam da aplicação de um modelo distinto do nosso e que vigora em alguns países europeus nossos concorrentes diretos?

Por exemplo, a aplicação de uma *flat rate* (ou outro mecanismo) poderia até conduzir a um aumento da receita fiscal, seja pela maior propensão para reduzir a evasão fiscal, seja pelo acréscimo do rendimento líquido disponível, que impactaria na dinâmica da procura interna, dado o expressivo peso da componente do consumo no PIB, um aspeto importante no contexto internacional (geopolítico e económico) muito incerto, com parceiros comerciais muito significativos para Portugal em recessão económica.

Um reforço da diminuição da tributação sobre o rendimento das pessoas, a par da redução da tributação sobre o rendimento das empresas, que promove a atratividade do investimento, permitirão robustecer a dinâmica do PIB e, consequentemente, gerar mais receita orçamental. Claro está que a aplicação de tais medidas deve pressupor a estabilidade e a previsibilidade desejáveis!

Presidente do Conselho de Administração da AEP

Assimetrias, imigração e desejo por um "líder forte". Como a AfD ganhou força na ex-RDA

ALEMANHA Partido de extrema-direita, que nasceu antieuro e se foi radicalizando, foi o mais votado na Turíngia e ficou a menos de dois pontos da vitória na Saxónia, demonstrando o poder que tem na antiga República Democrática Alemã.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A um ano das próximas eleições federais alemãs, a vitória da extrema-direita da Alternativa para a Alemanha (AfD) nas eleições regionais na Turíngia (e o segundo lugar na Saxónia) fazem soar os alarmes. O chanceler alemão, Olaf Scholz, falou de um resultado "perturbador", apelando aos partidos democráticos para que excluam os "extremistas de direita" dos executivos regionais. "O nosso país não pode nem se deve habituar a isto", afirmou.

Mas como é que se chegou a este cenário? A AfD nasceu em 2013 como um partido antieuro, depois da crise económica e como uma crítica aos resgates aos países do sul da Europa. Mas foi-se radicalizando, adotando uma postura anti-imigração e anti-Islão após a crise migratória de 2015, quando a então chanceler Angela Merkel abriu as portas a um milhão de refugiados.

O primeiro sucesso eleitoral da AfD foi ainda nas europeias de 2014, quando obteve 7,1% dos votos e elegeu sete eurodeputados. Nas últimas europeias, em junho, tornou-se no segundo partido mais votado na Alemanha, com quase 16% dos votos e 15 representantes. Entretanto, foi fazendo ganhos a nível local e regional, nomeadamente a partir de 2014 na Saxónia, Turíngia ou Brandemburgo (tudo na antiga Alemanha de Leste). Mas não só.

A estreia no Bundestag foi nas eleições de 2017, sendo o terceiro partido mais votado com 12,6% dos votos e 94 deputados. A formação de uma grande coligação entre os democratas-cristãos da CDU de Merkel e os sociais-democratas de Martin Schulz fez com que a AfD se tornasse no maior partido da oposição. Atualmente é apenas o quinto partido no parlamento alemão, tendo perdido quase um milhão de eleitores em 2021 e 11 deputados. Nas sondagens para as eleições federais do próximo ano, surge em segundo lugar, atrás da CDU.

Björn Höcke, o líder da AfD na Turíngia. É um dos mais radicais do partido.

JENS SCHLUETER / AFP

Tal como na maioria dos partidos da Alemanha, a liderança da AfD é bicéfala, dividida entre Tino Chrupalla e Alice Weidel. O partido não depende de uma única figura, mas de várias. Uma delas é Björn Höcke, o líder da AfD na Turíngia, responsável pela primeira vitória a nível regional da extrema-direita desde a II Guerra Mundial.

Höcke é um dos líderes mais radicais do partido, sendo considerado um "extremista" pelos serviços de informação alemães. O antigo professor de História, de 52 anos, foi multado já duas vezes este ano por usar um antigo *slogan nazi*: "*Alles für Deutschland*" (tudo pela Alemanha). Como outras frases nazis, é proibido por lei. Alegou que não sabia que era o mote da organização paramilitares *Sturmabteilung* (SA).

Mas o que é que torna a AfD um sucesso na Turíngia, na Saxónia e, em geral, em toda a antiga Alemanha de Leste (RDA)? O Muro de Berlim caiu em 1989 mas, em muitos aspetos, a divisão, ou pelo menos as disparidades, continuam. Em especial a nível económico ou demográfico. Um relatório do ano passado revelava que, em 2022, os salários na RDA eram 12 mil euros mais baixos do que no resto do país. O desemprego continua a ser ligeiramente maior, apesar dos investimentos dos últimos anos.

32,8%

Votos Na Turíngia, a AfD chegou quase aos 33%, mais nove pontos do que a CDU. Na vizinha Saxónia ficou em segundo lugar, com 30,6%, 1,3 pontos abaixo dos democratas-cristãos.

Um outro estudo, da Universidade de Leipzig, concluiu que cerca de um terço dos eleitores da antiga RDA acredita que é preciso um "líder forte" para o país, havendo uma menor crença na democracia – talvez porque a reunificação, após 40 anos de vivência num regime ditatorial comunista, não trouxe os benefícios esperados. O que gera insatisfação com o sistema.

Além disso, 60% dos inquiridos dizem que o número de estrangeiros é muito elevado. Apesar de o número de imigrantes nesta região ser inferior ao do resto do país, está a aumentar – e após os anos de isolamento acaba por trazer um maior choque cultural. O recente ataque à faca que causou três mortos em Solingen, perpetrado por um refugiado sírio, foi aproveitado pela AfD.

Turíngia e Saxónia representam 7% da população alemã, mas este resultado – o que vier de Brandemburgo a 22 de setembro – está a preocupar, tendo em conta a proximidade com as eleições do próximo ano. Este resultado é também fruto do descontentamento com a coligação de três partidos liderada por Schulz, que juntos não foram além dos 10% de votos na Turíngia. E com a guerra na Ucrânia – a AfD é contra as sanções à Rússia –, havendo uma pressão crescente para se deixar de apoiar a Ucrânia.

susana.f.salvador@dn.pt

Análise
Germano Almeida

Velhos ventos do Leste alemão

Os resultados das Eleições Regionais na Alemanha não causaram surpresa – mas só podem gerar imensa preocupação.

Pela primeira vez desde a II Guerra Mundial, um partido de extrema-direita venceu umas eleições num Estado Federado alemão. Aconteceu na Turíngia e ia acontecendo também na Saxónia. Pode voltar a acontecer já no próximo dia 22 em Brandemburgo, onde a AfD também surge na frente das sondagens.

Tanto a Turíngia como a Saxónia são dois estados do Centro-Leste da Alemanha, ambos muito marcados pela sua ligação à antiga RDA e com um eleitorado que mantém uma certa genética nostálgica do autoritarismo, como forma de exorcizar fantasmas mais imediatos e de perceção difícil de esfumar, como o crescimento da imigração e a perda de capacidade económica.

A AfD é um partido de extrema-direita com infiltrações mal disfarçadas de setores neonazis. Terá uma minoria que até tem saudades de Hitler, ainda que a explicação para o seu sucesso eleitoral não resida nisso.

A questão está, em traços gerais, em quatro temas: Imigração, Identidade, Economia e Guerra na Ucrânia. Nestes quatro assuntos especialmente delicados, a AfD cavalga um descontentamento latente, nalguns segmentos já bem patente, de um eleitorado que há poucos anos oscilava entre a SPD e a CDU e que encontrou nesta suposta solução simples e radical uma maneira sonora e assustadora de dizer: "Basta!"

A "Alternativa para a Alemanha" (expulsa, antes das Europeias, do grupo de Le Pen e Salvini e dominante na recém-formada Europa das Nações Soberanas, ainda mais extremista, a par de outros sete partidos de extrema-direita de Polónia, Bulgária, Hungria, Lituânia, Eslováquia, França e Chéquia) tem um discurso divisivo, simplista e hostil para com os imigrantes de origem islâmica.

Com isso, agita igualmente a questão identitária, explorando o ponto da suposta "substituição" populacional que levaria ao risco da continuação do domínio alemão da própria Alemanha.

Junta a esses dois pontos o tema económico, acusando os imigrantes de serem culpados pelos resultados fracassados do Governo Scholz, associando a "desindustrialização" a esse caminho de perda de poder germânico.

Grande vencedor? Vladimir Putin

E, depois, há a Guerra da Ucrânia: a Alemanha é, de longe, o segundo maior apoiante de Kiev, muito atrás dos EUA, mas bem à frente de Reino Unido, Polónia ou países nórdicos.

Scholz tem sido um grande amigo da Ucrânia – apesar das hesitações no envio dos *Taurus*. O chanceler alemão mostrou que percebe o que está verdadeiramente em causa quando, apenas três dias depois da invasão russa da Ucrânia, decretou a "*Zeitenwende*", a mudança de paradigma para uma nova era em que a Alemanha terá de se preparar para o fim do período de paz e o novo risco de uma guerra em pleno espaço europeu.

Mesmo com os contrapesos exigidos pelo Estado alemão – o travão da dívida, o Tribunal Constitucional –, a verdade é que a "coligação semáforo" SPD (sociais-democratas) / FDP (liberais) / Verdes se tem mostrado consistentemente próxima da Ucrânia.

Ao incluir no pacote de descontentamento a questão do apoio à Ucrânia, a AfD está a capitalizar eleitoralmente os receios de muitos alemães em aumentar o grau de ajuda à Ucrânia e mesmo das consequências da hostilização à Rússia de Putin.

Os extremos em alta

Temos razões para ficar preocupados? Sim, muito.

Porque o que aconteceu na Turíngia e na Saxónia não foi um mero acidente de percurso ou um pequeno sinal de alerta.

Decorre de um crescimento sustentado da AfD nestas duas regiões em especial e até no plano nacional (ainda que em menor grau). E deve, também, ser enquadrado com outros sinais que também foram dados na votação de domingo passado.

O presidente da Rússia foi, sem ter de mexer uma palha, o grande vencedor das Eleições Regionais na Alemanha. Viu a AfD a abalar ainda mais os pilares do sistema, viu a CDU a perder, viu o SPD – partido do chanceler Scholz – a ser remetido para valores marginais e ainda mais os seus parceiros de coligação. Na Turíngia e na Saxónia, o SPD, do chanceler Olaf Scholz, obteve resultados modestos: 6,1% no primeiro caso, 7,3% no segundo. A percentagem mínima para garantir representação nos Parlamentos Estaduais era de 5%, o que garante que o partido se mantém representado.

A juntar a tudo isto, viu a nova extrema-esquerda do BSW, liderada pela dissidente do Die Linke, Sahra Wagenknecht, ficar em terceiro lugar, com mais de 14% na Turíngia. Ora, este novo partido junta um discurso económico de esquerda com uma plataforma social de extrema-direita: frontalmente anti-imigração, pró-Kremlin e antiajuda à Ucrânia.

A barreira das alianças

Mesmo assim, é improvável, que a AfD assuma o Governo da Turíngia, uma vez que necessita de obter a maioria dos lugares no Parlamento Estadual para formar Governo – e a CDU já deixou claro que não fará coligação com a extrema-direita (embora os conservadores moderados necessitem, para serem Governo Estadual, de se coligar com o SPD, a FDP, a BSW e os Verdes).

Já na Saxónia, tudo indica que a CDU acabe por conseguir formar Governo estadual numa coligação com o SPD e a BSW, caso mantenha a intenção de retirar os verdes da atual coligação maioritária. A Saxónia é governada pela CDU desde a reunificação – e, em concreto, por Michael Kretschmer desde o final de 2017, em coligação com os Verdes e o SPD.

Mesmo com a barreira das alianças, os resultados na Turíngia e na Saxónia derrubaram mais um travão na ameaça da extrema-direita: em dois estados federados, um terço de quem vai votar assume a preferência pela AfD. E quase metade, no caso da Turíngia, preferiu ou a extrema-direita ou a extrema-esquerda.

Mesmo sem a formação de Governos estaduais de extrema-direita, estes resultados terão consequências para a democracia alemã.

Parte dos membros do Governo estadual, especialmente o governador, passam a integrar o *Bundesrat*, a Câmara Alta do Parlamento alemão, composta por representantes políticos dos 16 Estados Federados alemães.

A Constituição alemã prevê que seja através desse coletivo que os Parlamentos Regionais "participam na criação de leis e administração da União e em assuntos da União Europeia". Quando os deputados federais do *Bundestag* – a Câmara Baixa do Parlamento – aprovam uma nova lei, o órgão pode aprovar, vetar ou alterar os textos. Algumas leis na Alemanha só são aprovadas depois de passarem pelo *Bundesrat*.

Um ano para o momento da verdade

A Saxónia e a Turíngia concentram um total de 6,3 milhões de pessoas (menos de um décimo da população alemã), mas têm de ser olhadas como um sinal de alerta para o que pode vir a acontecer dentro de um ano, na última semana de setembro de 2025, quando ocorrerem as próximas Eleições Legislativas na Alemanha.

O SPD, que nas Europeias já tinha tido um forte abanão ao nem sequer chegar aos 14%, ficou num terceiro lugar abaixo dos 15,9% da AfD. Os Verdes ficaram-se pelos 11,9%, os liberais remeteram-se aos 5%.

A CDU, que venceu essas Europeias com o dobro dos votos da AfD, surge como a grande esperança para travar um dano ainda maior. Mas a tensão começa a ser demasiado grande para se poder afastar cenários piores.

Especialista em Política Internacional

JACK GUEZ / AFP

Telavive foi palco de uma manifestação antigoverno pela inação em relação aos reféns.

Biden acusa Netanyahu de fazer pouco pelos reféns

GUERRA Líder israelita pediu perdão por não ter salvo os seis cativos. Londres suspendeu parcialmente a exportação de armas para Telavive.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, afirmou ontem que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu não está a fazer o suficiente para garantir um acordo para a libertação dos reféns feitos pelo Hamas na sequência dos ataques do 7 de Outubro. Uma crítica que chega no mesmo dia em que o Reino Unido anunciou que vai suspender de forma parcial a exportação de armas para Israel, uma medida já contestada pelo Governo de Telavive.

O desagrado de Biden foi transmitido pelo próprio à chegada à Casa Branca, onde se iria encontrar com os negociadores norte-americanos que estão a mediar as conversações entre Israel e o Hamas. Questionado pelos jornalistas sobre se achava que Netanyahu estava a fazer o suficiente na questão dos reféns, o presidente dos Estados Unidos respondeu: "Não." Mas também que os negociadores estavam "muito próximos" de uma proposta final a ser apresentada a Israel e ao Hamas.

Este encontro entre Biden e os negociadores ocorre depois de os corpos de seis reféns, incluindo um norte-americano, terem sido encontrados num túnel em Gaza, no sábado à noite. "O presidente Biden expressou a sua devastação e indignação pelo assassinato e reafirmou a importância de responsabilizar os líderes do Hamas", pode ler-se num comunicado da Casa Branca divulgado após a reunião. Durante o encontro, o presidente e a vice-presidente dos Estados Unidos foram informados pelos negociadores "sobre o estado da proposta de transição delineada pelos Estados Unidos, Qatar e Egito".

Ontem, Netanyahu pediu "perdão" aos familiares dos seis reféns israelitas encontrados mortos em Gaza e enterrados em Israel ontem e no domingo. "Peço perdão por não tê-los trazido vivos. Estivemos perto, mas não conseguimos", declarou o líder do Governo israelita, acrescentando que o Hamas "pagará um preço muito alto" pelo sucedido.

O dia de ontem trouxe também outro dissabor a Telavive, com Londres a anunciar que suspenderá 30 das 350 licenças de exportação de armas para Israel, com base no "risco claro" de que possam ser usadas em violação do direito humanitário internacional. Em esclarecimentos dados ao Parlamento, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, David Lammy, afirmou que "em certas exportações de armas para Israel, há um risco claro de que sejam usadas para cometer ou facilitar uma violação grave do Direito Humanitário Internacional" em Gaza. Esta proibição parcial afetará itens "que poderiam ser usados no atual conflito em Gaza", incluindo aviões de combate, helicópteros e *drones*, deixando de fora peças para os caças F-35.

O líder da diplomacia britânica destacou que esta decisão "não é uma determinação de inocência ou culpa" e que a situação será mantida sob análise, reiterando o apoio de Londres a Israel para se defender. O ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, criticou a decisão, dizendo estar "profundamente desanimado ao saber das sanções impostas pelo Governo do Reino Unido às licenças de exportação para o sistema de defesa de Israel".

ana.meireles@dn.pt

Putin diz que incursão ucraniana em Kursk não travará avanço da Rússia

GUERRA Ganhos russos em agosto (477 quilómetros quadrados) são os maiores desde outubro de 2022.

O presidente russo, Vladimir Putin, disse ontem que a ofensiva ucraniana na Região de Kursk está fadada ao fracasso, congratulando-se com os avanços do seu Exército no leste da Ucrânia. Os comentários foram feitos antes de viajar para a Mongólia, o primeiro país membro do Tribunal Penal Internacional (TPI) que visita desde que este emitiu um mandado para a sua captura.

Segundo os dados do Instituto para o Estudo da Guerra, as forças russas avançaram em agosto cerca de 477 quilómetros quadrados em território ucraniano, o valor mais elevado num mês desde outubro de 2022. Por seu lado, os ucranianos ganharam entre 1150 e 1300 quilómetros quadrados em duas semanas, estagnando depois o avanço.

O Exército ucraniano lançou um ataque-surpresa na região fronteiriça russa de Kursk a 6 de agosto e rapidamente afirmou ter capturado dezenas de localidades, incluindo a pequena cidade de Sudja. Até o momento, autoridades russas tentaram minimizar a importância desta ofensiva, mas ontem Putin admitiu "dificuldades severas" para a população na região.

"Mas o inimigo não alcançou o principal objetivo a que se propôs: parar a nossa ofensiva no Donbass", referiu Putin. "Há muito tempo que não tínhamos um ritmo de ofensiva tão grande no Donbass", acrescentou num encontro com alunos na Sibéria, transmitido pela televisão. O presidente disse ainda estar "certo" de que a ofensiva em Kursk "fracassará".

Putin seguiu depois para a Mongólia, onde foi recebido em Ulan Bator com uma guarda de honra. Isto apesar do mandado de captura do TPI, que o investiga pela alegada deportação ilegal de crianças ucranianas desde a invasão do país, em fevereiro de 2022.

A Ucrânia acusou a Mongólia de "partilhar a responsabilidade" dos "crimes de guerra" de Putin ao não o deter no aeroporto. Na semana passada, o TPI lembrou que todos os países membros tinham a "obrigação" de cumprir os mandados de captura.

A Mongólia, que fazia parte do bloco soviético, mantém relações amigáveis tanto com a Rússia como com a China – os dois únicos vizinhos. O país não condenou a invasão da Ucrânia e, nas votações nas Nações Unidas, tem-se abstido. **S.S com Agências**

NATALIA GUBERNATOROVA / POOL / AFP

Putin à chegada a Ulan Bator, na Mongólia, membro do TPI.

Kamala Harris quer quebrar o teto de vidro, mas prefere não falar sobre isso

AMÉRICA Primeira mulher vice-presidente dos EUA, Harris quer ser a primeira mulher presidente, ao vencer as eleições de 5 de novembro. Mas se a questão do género está no centro dos ataques de que é alvo por parte de Trump, ela tem estado quase ausente da sua campanha.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

Harris tem alargado a vantagem sobre Trump nas sondagens e está 13 pontos à frente do republicano no voto feminino.

SAUL LOEB / AFP

Na primeira grande entrevista de Kamala Harris como candidata democrata à Casa Branca, a palavra "povo" foi referida 27 vezes, "Biden" 15, "economia" 7, "Israel" 6; a palavra "mulheres" apenas uma. Mais uma prova de que a mulher que já fez história ao tornar-se na primeira vice-presidente dos EUA e que a 5 de novembro quer tornar-se na primeira presidente da maior potência mundial não está muito interessada em fazer do facto de ser mulher parte central da sua campanha, ao contrário do que fez Hillary Clinton em 2016. Quebrar o teto de vidro pode continuar a ser o objetivo e o voto feminino essencial para tal, mas Harris prefere deixar nas mãos dos apoiantes o argumento do género. Mesmo se este está presente em boa parte dos ataques de que tem sido alvo por parte do rival republicano, Donald Trump, e do seu vice, J.D. Vance.

"O voto feminino poderá ser determinante nas eleições americanas. Serão umas das eleições mais disputadas, em que o que está em causa é o choque de valores basilares na sociedade norte-americana. A campanha de Harris está a concentrar-se noutros elementos identitários da vice-presidente, procurando não exacerbar a condição feminina", explica ao DN Ana Mónica Fonseca.

Para a diretora do CEI-IUL, Centro de Estudos Internacionais do ISCTE, esta decisão de Harris tem várias explicações possíveis: "Em primeiro lugar, por não querer concentrar demasiado a campanha nessa dicotomia, homem-mulher, porque poderá ser mais complexa para os indecisos e até para não antagonizar os moderados do Partido Republicano que se sintam hesitantes no seu voto. Por outro lado, para também naturalizar o facto de ela ser mulher, já ser vice-presidente e por isso ser 'natural' que ascenda ao cargo de presidente. Por fim, porque Harris é mulher, mas também é uma mulher de cor, sem filhos, com uma carreira de sucesso, por isso, ser apresentada ou focada 'apenas' como mulher poderia ser entendido como simplista num contexto em que as questões identitárias estão tão no centro da discussão."

> *"A imagem de Tim Walz é a oposta de Trump. Walz passa como alguém que está presente, cuidador, que assume as suas fragilidades e se afasta das tradicionais imagens de masculinidade tóxica tão presentes no lado do candidato republicano."*
>
> **Ana Mónica Fonseca**
> Diretora do CEI-IUL, Centro de Estudos Internacionais do ISCTE

Diana Soller partilha desta opinião, recordando que durante a Convenção Democrata que confirmou Harris como candidata, depois de Joe Biden ter desistido de procurar um segundo mandato, "o facto de ser a primeira mulher vice-presidente e potencial primeira presidente mulher dos EUA foi apontado por vários oradores, portanto, ela não precisaria de o fazer." A investigadora do IPRI/NOVA vê aqui semelhanças com a campanha de Barack Obama em 2008. "Ele dispensou sempre o argumento da raça. Até porque não era preciso dizer o que era evidente. Kamala Harris está a fazer o mesmo – pelo menos até aqui. Não é preciso dizer o que é evidente. A vantagem (e desvantagem) está lá. Realçá-la podia criar a imagem de que seria uma presidente diferente por razões de género. E Harris quer ser vista, acima de tudo, como futura presidente de todos os americanos."

Mas quer se fale nele quer não, o teto de vidro existe e está bem presente na política americana. Basta olhar para a História. Em 2020 Harris foi a primeira mulher eleita para a Vice-presidência dos EUA, mas mais: antes dela só por duas vezes os principais partidos haviam colocado uma mulher como candidata a esse cargo. Estamos a falar de Geraldine Ferraro em 1984, no *ticket* democrata com Walter Mondale, e Sarah Palin, em 2008, no *ticket* republicano com John McCain. Quanto a candidatas à Presidência esta é a apenas a segunda vez que um grande partido – em ambos os casos, o Democrata – nomeia uma mulher, depois de Hillary Clinton em 2016. E também frente a Donald Trump.

Mas a campanha da ex-primeira dama e ex-secretária de Estado contrasta bastante com a de Harris agora. A começar pelo seu *slogan* – "Estou com ela" – quando agora a vice-presidente e o seu candidato a vice, o governador do Minnesota Tim Walz optaram por um combativo "Quando lutamos, ganhamos".

No discurso em que reconheceu a derrota em 2016, Clinton garantiu: "Eu sei que ainda não estilhaçámos o teto de vidro mais alto e mais duro – mas um dia alguém o fará e esperemos que mais cedo que pensamos neste momento". Na Convenção que confirmou Harris, a ex-secretária de Estado voltou ao tema: "Juntos, abrimos

> *"Não é preciso dizer o que é evidente. A vantagem (e desvantagem) está lá. Realçá-la podia criar a imagem de que seria uma presidente diferente por razões de género. E Harris quer ser vista, acima de tudo, como futura presidente de todos os americanos."*
>
> **Diana Soller**
> Investigadora do IPRI/Nova

muitas brechas neste teto de vidro mais alto e mais duro. Do outro lado deste teto de vidro está Kamala Harris a levantar a mão e a prestar juramento como 47.ª presidente dos EUA."

Ana Monica Fonseca admite: "É claro que o teto de vidro está lá e bem presente. São poucas as mulheres a ocupar cargos de liderança política no contexto nacional americano e sobretudo nos cargos de topo." A diretora do CEI-IUL está convencida de que "estando a concorrer com a dupla Trump-Vance, Harris será sempre visada pela sua condição feminina, que será reforçada também pelo facto de nenhuma mulher ter conseguido alcançar o que ela quer alcançar, ser presidente. O argumento de 'não vai ser agora, não estamos preparados, é uma mudança demasiado radical' poderá sempre pesar na cabeça dos eleitores mais indecisos e mais ao centro, quer democratas quer republicanos." E por isso acredita que "a sua postura quase contida relativamente a esta questão se deva também à necessidade de captar votos republicanos, de virar os Estados republicanos a seu favor, de modo a apresentar-se como uma presidente que virá trazer um espírito de entendimento e concertação entre as duas Américas, agora tão distintas entre os apoiantes de Trump e os que estão contra ele."

Ainda assim, prossegue a professora, Harris "não esconde que as suas políticas serão claramente de defesa dos direitos associados às mulheres e que foram diretamente atacados pela Presidência Trump, nomeadamente na questão do aborto e direitos reprodutivos".

Também Otília Macedo Reis sublinha a natureza histórica da candidatura de Harris. Para a diretora-executiva da Comissão Fulbright Portugal, grande conhecedora da sociedade americana, "é sempre bom ter mulheres com condições para aceder a posições de liderança, tanto na política, como noutras áreas". E acredita que "vai ser uma eleição emocionante e potencialmente surpreendente à Casa Branca".

> *"É sempre bom ter mulheres com condições para aceder a posições de liderança, tanto na política, como noutras áreas, e que decerto vai ser uma eleição emocionante e potencialmente surpreendente à Casa Branca."*
>
> **Otília Macedo Reis**
> *Diretora-executiva da Comissão Fulbright Portugal*

Sobre a capacidade de Harris ir buscar votos dos indecisos, Diana Soller é mais cética: "O número de indecisos e de eleitores que podem mudar de ideias e simultaneamente vão às urnas é muito reduzido." A investigadora do IPRI/Nova recorda, mesmo assim, que "as últimas sondagens revelam que Kamala cresceu entre o eleitorado feminino, o que é positivo para a sua candidatura".

Desde que foi confirmada como candidata, Kamala Harris tem vindo a ganhar vantagem sobre Trump nas sondagens. A última Reuters/Ipsos dá-lhe 45% das intenções de voto, contra 41% para o republicano. Uns meros quatro pontos de diferença que dizem ainda menos num país onde o voto não é direto e a batalha é ganha nuns poucos estados, cujo voto é decisivo para ter a maioria no Colégio Eleitoral.

É verdade que o mesmo estudo mostra Harris 13 pontos à frente de Trump no voto feminino. Mas não é de espantar quando a linha de ataque do ex-presidente contra a rival tem quase sempre o seu género na mira, além de referências à sua raça – Harris é filha de uma indiana e de um jamaicano. Também J.D. Vance despertou a ira das feministas quando ressurgiu um seu comentário sobre as "*childless cat ladies*" (à letra, "as senhoras sem filhos e com gatos") que, segundo ele, põem em causa a família tradicional e o futuro dos EUA. Ora se não são conhecidos animais de estimação a Harris, a vice-presidente não tem, de facto, filhos, mas recebeu logo o apoio dos enteados, Cole e Ella.

Ao seu lado no difícil caminho até à Casa Branca, Harris tem o *vice*, Tim Walz, que com o seu passado de professor e treinador de liceu e a sua luta contra a infertilidade pode ser uma arma poderosa. "A escolha de Tim Walz procurará clarificar esta postura: Harris não está contra as famílias 'tradicionais', pelo contrário, quer arreigar-se a ser a representante também das 'verdadeiras' famílias tradicionais, dos que são de classe média, que estão envolvidas na comunidade, que passam por desafios e que os ultrapassam juntos", garante Ana Mónica Fonseca.

A diretora do CEI-IUL recorda que "a imagem de Tim Walz é a oposta de Trump. Walz passa como alguém que está presente, que é cuidador, que assume as suas fragilidades e se afasta das tradicionais imagens de masculinidade tóxica tão presentes no lado do candidato republicano. Perante isto, acho que será determinante para captar as simpatias dos eleitores mais indecisos, e reforçar o voto feminino em Kamala Harris."

Para Diana Soller, o que Harris e Walz estão a fazer é "mostrar a sua face mais humana, mais pessoal aos eleitores para captarem a sua empatia" A investigadora lembra que "toda a Convenção Democrata andou à volta desse tema: os candidatos, os oradores, mesmo os que ocuparam cargos importantes no *establishment* americano, apresentaram-se como pessoas da classe média com os mesmos problemas que todos nós temos – incluindo Walz e Kamala". E remata: "A mensagem essencial foi essa. Uma tentativa de fazer com que os eleitores se identifiquem com eles."

PIONEIRAS

HILLARY CLINTON
Até Harris, Clinton fora a única mulher candidata à Presidência dos EUA por um grande partido. Primeira-dama muito política, senadora por Nova Iorque, secretária de Estado de Barack Obama, para quem perdera a nomeação democrata em 2008, em 2016 perdeu as Presidenciais para Trump, apesar de ter mais 3 milhões de votos populares.

GERALDINE FERRARO
Congressista por Nova Iorque, em 1984 tornou-se a primeira mulher candidata à Vice-presidência por um grande partido. Ao lado do democrata Walter Mondale, sofreu pesadíssima derrota face a Reagan. Morreu em 2011 aos 75 anos.

SARAH PALIN
Governadora do Alasca, foi a escolha de John McCain para vice no *ticket* republicano que seria derrotado por Obama/Biden nas Presidenciais de 2008. Em 2022 tentou voltar à política, mas perdeu a eleição para a Câmara dos Representantes.

D.R.

Avançado dinamarquês custou 19 milhões de euros à SAD do Sporting.

YASIN AKGUL / AFP

Extremo turco foi a surpresa do último dia de mercado para forçar o Benfica. Vai custar 11 milhões de euros.

D.R.

O FC Porto assegurou o defesa central Tiago Djaló por empréstimo da Juventus.

Sporting oficializou Harder, Benfica garantiu Aktürkoğlu e Djaló rumou ao Porto

FECHO DO MERCADO O encerramento da janela de transferências em Portugal foi agitada nos três grandes, com reforços e algumas vendas confirmadas. Portista Galeno chegou a ser dado como quase certo no Al Ittihad por 50 milhões, mas o negócio acabou por não avançar.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O mercado de transferências em Portugal encerrou ontem com vários negócios fechados no último dia e com uma transação milionária que acabou por não se concretizar – falamos do portista Galeno, que esteve perto de rumar ao Al Ittihad da Arábia Saudita por 50 milhões de euros, mas cuja negociação acabou por fracassar. De resto, o Sporting oficializou Conrad Harder para o ataque, numa operação de 19 milhões de euros, e o Benfica fez uma última operação, com a aquisição do extremo Aktürkoğlu (11M€, mas ainda não oficializada à hora do fecho desta edição), negociando ainda Marcos Leonardo para o Al Hilal de Jesus por 40 milhões.

Em jeito de balanço, as principais conclusões a tirar deste mercado envolvendo os três grandes portugueses mostram que o Sporting foi o clube mais gastador (54,8 milhões de euros) e o Benfica, confirmando o que tem sido regra, o emblema que mais dinheiro encaixou (148,12 milhões de euros), mais do dobro dos dois rivais juntos.

A contratação mais cara em Portugal foi a do jovem Conrad Harder, com o Sporting a pagar 19 milhões de euros, enquanto a venda mais avultada pertenceu ao Benfica, no negócio que levou João Neves para o PSG, numa transferência fechada no dia 5 de agosto, por 59,92 milhões de euros.

A venda de Galeno esteve muito perto de se realizar. O jogador brasileiro nem sequer treinou ontem com os restantes companheiros de manhã e esteve quase a ser colega de equipa de Karim Benzema no Al Ittihad num negócio de 50 milhões. Mas o clube saudita acabou por deixar cair a transação e virou-se para o extremo holandês Steven Bergwijn, do Ajax, num negócio de 25 milhões de euros. Na base da não-concretização da transferência esteve o facto de o Fundo Soberano (PIF), responsável por gerir as principais contratações na Arábia Saudita, não ter chegado a um consenso com o clube de Jeddah.

Uma boa notícia para o treinador Vítor Bruno, que assim viu ficar no plantel provavelmente o jogador mais influente, ao mesmo tempo que a SAD portista perdeu a oportunidade de ultrapassar os 100 milhões de euros em vendas de jogadores nesta janela de transferências.

O encerramento do mercado reservou, contudo, mais dois negócios, neste caso contratações, no

TRANSFERÊNCIAS DOS 3 GRANDES

SPORTING

Entradas	
Conrad Harder	19M
Debast	15,50M
Maxi Araújo	13,50M
Kovacevic	4,80M
TOTAL - 52,8M€	

Saídas	
Fatawu (Leicester)	17M
Mateus Fernandes (Southampton)	15M
Paulinho (Toluca)	7,75M
Nazinho (Cercle Brugge)	2M
Pontelo (Pafos)	Emp.
Coates (Nacional)	0
Neto	0
Adán	0
TOTAL: 41,75M€	

BENFICA

Entradas	
Pavlidis	18M
Kerem Aktürkoğlu	11M
Beste	8M
Amdouni	4M*
Renato Sanches	Emp.
Issa Kaboré	Emp.
Leandro Barreiro	0
TOTAL: 41M€	

Saídas	
João Neves(PSG)	59,92M
Marcos Leonardo (Al Hilal)	40M
David Neres (Nápoles)	28M
Morato (Not. Forest)	11M
João Mário (Besiktas)	5M
Paulo Bernardo (Celtic)	4,20M
Rafa Silva (Besiktas)	0
Tengstedt (Hellas Verona)	Emp.
TOTAL: 148,12M€	

FC PORTO

Entradas	
Samu Omorodion	15M
Francisco Moura	5M
Deniz Gul	4,5M
Nehuén Pérez	4.10M
Fábio Vieira	Emp.
Tiago Djaló	Emp.
TOTAL: 28,6M€	

Saídas	
Evanilson (Bornemouth)	37M
David Carmo (Not. Forest)	11M
Toni Martínez (Alavés)	2M
Francisco Conceição (Juventus)	7M*
Fábio Cardoso (Al Ain)	1M
Romário Baró (Basileia)	Emp.
Taremi (Inter Milão)	0
Pepe	0
TOTAL: 58M€	

* Valor da taxa de empréstimo

seio do FC Porto. O central português Tiago Djaló, de 24 anos, chegou por empréstimo da Juventus, mas o acordo não inclui opção de compra no final da temporada, ficando os dragões responsáveis pelo pagamento de 60% dos salários – tinha sido contratado pelos italianos ao Lille, em janeiro, mas só foi utilizado 16 minutos na última jornada da Serie A frente ao Monza. A SAD portista fechou também a aquisição de Francisco Moura junto do Famalicão, numa operação de cinco milhões de euros. A operação de Djaló, porém, não estava oficializada à hora do fecho desta edição.

Extremo turco na Luz

O Benfica, que trabalha ao mesmo tempo na escolha de um treinador (Bruno Lage e Leonardo Jardim são possibilidades) que será oficializado até quinta ou sexta-feira, também mexeu neste último dia de mercado. O negócio de Marcos Leonardo fez-se mesmo, com o Al Hilal da Arábia Saudita a pagar 40 milhões de euros pela transferência – o avançado brasileiro tinha sido comprado há oito meses ao Santos por 18 milhões.

E, meio surpresa, o clube da Luz tinha praticamente garantido mais um reforço a poucas horas do fecho do mercado, com a contratação do extremo internacional turco Kerem Aktürkoğlu por 11 milhões de euros ao Galatasaray. Mas a oficialização da contratação ainda não tinha acontecido à hora do fecho desta edição.

Outro negócio que estava praticamente fechado à hora do fecho desta edição era a transferência de João Mário para o Besiktas, da Turquia, onde vai reencontrar Rafa Silva a troco de cerca de cinco milhões de euros.

Harder no ataque do leão

Já o Sporting oficializou a transferência de Conrad Harder, avançado dinamarquês de 19 anos que chega do Nordsjælland. A operação envolveu um montante total de 19 milhões de euros (foi a transferência mais cara do defeso em Portugal, superando os 18 milhões pagos pelo Benfica por Pavlidis), e o jogador ficou protegido com uma cláusula de rescisão de 80 milhões de euros.

"É um grande clube e tenho grandes ambições. Espero conquistar troféus e marcar muitos golos. Espero conquistar muitos troféus e dar seguimento aos passos deles. Seria muito bom", disse Harder aos meios de comunicação leoninos.

Big 5. Dois portugueses no *top*-10 dos mais caros

O maior negócio realizado nas principais ligas europeias este verão foi feito pelo Atlético Madrid – a contratação do avançado internacional argentino Julian Alvárez ao Manchester City por 75 milhões de euros.

Ao olhar para o *top*-10 das transferências mais caras deste verão nas *Big* 5, salta à vista o facto de existirem dois portugueses. Pedro Neto foi comprado pelo Chelsea ao Wolverhampton por uma soma de 60 mihões de euros (o quarto maior negócio) e João Neves, que se mudou para o PSG, permitiu ao Benfica um encaixe de 59,92 milhões, o sexto maior deste defeso.

A fechar o pódio das maiores transferências estão dois jogadores negociados por clubes ingleses. Solanke reforçou o Tottenham a troco de 64 milhões de euros e Leny Yoro transferiu-se por 62 milhões para o Manchester United.

Refira-se que, pela primeira vez no últimos 11 anos, nenhuma compra utrapassou os 75 milhões de euros. Em termos globais, o Chelsea foi o emblema que mais investiu neste mercado, num total de 238,5 milhões, seguido do Brighton (231,2) e do Manchester United (214,5). A liga inglesa, como habitualmente, foi a mais gastadora.

OS MAIS CAROS DAS *BIG* 5

Julián Álvárez (Atlético de Madrid) **75M**
Dominic Solanke (Tottenham) **64M**
Leny Yoro (Man. United) **62M**
Pedro Neto (Chelsea) **60M**
Moussa Diaby (Al-Ittihad) **60M**
João Neves (PSG) **59,92M**
Amadou Onana (Aston Villa) **59,35M**
Dani Olmo (Barcelona) **55M**
Koopmeiners (Juventus) **54,70M**
Michael Olise (B. Munique) **53M**

Ronaldo: "Quando sentir que não sou uma mais-valia, sou o primeiro a ir embora"

SELEÇÃO Capitão admitiu que vai sempre sentir-se titular e que alguns jovens o veem como irmão e pai.

Cristiano Ronaldo garantiu ontem que continua a sentir-se uma mais-valia na seleção e que será o primeiro a sair quando não se sentir importante, numa decisão que será tomada de consciência tranquila. "O que sinto é que, neste momento, ainda continuo a ser uma mais-valia na seleção. Quando sentir que não sou uma mais-valia, sou o primeiro a ir-me embora e vou com a consciência tranquila, como sempre. Sei o que sou, o que faço e o que continuarei a fazer", disse em conferência de imprensa na Cidade do Futebol.

"Quando chegar esse momento, mais cedo ou mais tarde, serei o primeiro a dar esse passo em frente. Será uma decisão muito própria e que não será muito difícil de tomar. Será uma decisão normal como outros jogadores a tomaram, como o Pepe, que fez uma carreira excelente, é um exemplo para todos nós e saiu pela porta grande. É essa a maneira de ver, sair pela porta grande e com alegria, não com tristeza", acrescentou.

Após ficar em branco pela primeira vez numa fase final, sem golos marcados em cinco jogos no Euro2024, Ronaldo recebeu várias críticas, algo que considerou "ótimo", uma vez que, disse, "sem crítica, não há evolução" e é algo com que lidou em toda a carreira.

"Eu sempre terei, até ao final da minha carreira, o pensamento de que serei titular. Eu respeitei sempre as decisões dos selecionadores e treinadores... Nem sempre, mas isso é porque também se portaram mal comigo. Sempre que houver uma ética profissional, respeitarei os treinadores", assegurou ainda, quando questionado se se sente preparado para poder perder o estatuto de titular na seleção nacional.

Ronaldo revelou ainda um episódio com o jovem Geovany Quenda – chamado pela primeira vez à seleção com apenas 17 anos – na chegada à Cidade do Futebol, com o futebolista do Sporting "envergonhado", numa perspetiva de que "seleção é família".

"Muitos deles têm vergonha de falar comigo. Ainda há bocado estava a subir para o quarto, vi o Quenda, fui ter com ele, mas vi que ficou um bocado envergonhado. Quem me conhece sabe que na seleção sou sempre um irmão mais velho ou pai para alguns. Ajudar na integração deles é fundamental. A seleção é uma família e quando alguém vem é sempre uma mais-valia para o futuro", sublinhou.

A seleção concentrou-se ontem para iniciar a preparação do duplo duelo da Liga das Nações, nas receções a Croácia (quinta-feira) e Escócia (domingo). Ambos os jogos são no Estádio da Luz e têm início às 19.45 horas.

LUSA

MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Ronaldo diz que quando deixar a seleção será pela porta grande.

Veneza 81. Almodóvar gigante para as gigantes Julianne Moore e Tilda Swinton

FESTIVAL Ensaio sobre o cancro e a eutanásia feito por Pedro Almodóvar. É assim *The Room Next Door*, outro dos filmes maiores do Festival de Veneza. Deixou tudo e todos de rastos no Lido. Tilda Swinton e Julianne Moore são já "Chicas Almodóvar"!

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM VENEZA

Depois de *The Brutalist*, de Brady Corbet, Pedro Almodóvar perfila-se como o outro grande favorito para o leão dourado do festival. *The Room Next Door* é a estreia do cineasta espanhol nas longas em língua inglesa, neste caso apadrinhado por uma história entre Nova Iorque e Woodstock com Julianne Moore, Tilda Swinton e John Turturro. Um melodramalhão sobre cumplicidade feminina com o tema do cancro em fundo e a morte sempre à espreita. Um Almodóvar que não se perde na tradução.

Baseado no romance de 2020 de Sigrid Nunez, *What Are You Going Through*, o filme narra a história de amizade de duas amigas, Ingrid, escritora de sucesso e Martha, jornalista de guerra do *The New York Times*. Uma amizade posta à prova quando Martha pede a Ingrid para a acompanhar durante o processo de eutanásia numa casa de campo na zona de Woodstock. O que se segue é a despedida de vida de uma mulher que aprecia os seus últimos momentos em regime de cumplicidade feminina, ela que recusa sofrer com um cancro na fase terminal. Almodóvar aproveita essa premissa para uma reflexão sobre a vida. Sim, é um filme do lado da vida mesmo quando aborda o tema da eutanásia, recusando, paradoxalmente, ser um manifesto de causa, tal como era *Mar Adentro*, de Amenábar, em 2004.

Pedro Almodóvar, um cineasta a filmar a expiação da morte sem medo do "name droping".

EPA/FABIO FRUSTACI

Moore e Swinton, tão à maneira de Almodóvar

Neste duelo de atrizes, Moore e Swinton, também não há competição. Apenas duas atrizes em molde de musas, perfeitíssimas para um jogo de câmara que pede teatro, naturalismo e aquele tom de excesso fatalista tão almodovariano e aí o Inglês não atrapalha. Os diálogos têm o tempo e os tempos certos, um lirismo que vai do trivial ao mais trágico, sempre perto do peso da alma, citando-se Joyce mas parecendo Bergman. E as mesmas atrizes sabem pôr-se à disposição das grandes emoções, mesmo quando o espanhol propõe um pacto cromático frontal com a pintura de Hopper, seja com sol ou com flocos de neve cor-de-rosa. Um espetáculo para os olhos que é de uma beleza esfuziante.

Fatalismo americano

Já adquirido para Portugal pela Pris, o filme na América será distribuído por uma major, a Warner, e já se fala em campanha para a temporada dos prémios, em especial para as atrizes. Aqui no Lido é uma obra que já colocou a imprensa a falar sobre o cancro e o seu combate – é raro um filme olhá-lo assim tão de frente – e de outro dos seus temas: o pessimismo da geração 60 com o estado do mundo: das alterações climáticas ao fim disto tudo. É um recado de Almodóvar sob a tal capa do melodrama clássico de Sirk (coisa que não será propriamente novidade). Um desencanto que, surpresa, serve bem o fatalismo desta tragédia americana. A mãe condenada de Tilda Swinton é uma genial personagem de cinema. *The Room Next Door* é outro dos filmes maiores desta competição que ainda tem um *joker* na cartola.

Um Lelouch débil...

Ainda assim, *The Brutalist*, de Brady Corbert, é o filme que parece até à data gerar mais consensos junto da imprensa internacional. Para já, não se sabe se o filme terá distribuição em Portugal. Dir-se-ia que precisará de palmarés aqui para as suas 3 horas e meia (sem incluir um intervalo com cronómetro de 15 minutos) não meterem tanto receio. E fora da competição, Claude Lelouch, já com mais de 90 anos, mostrou o seu último filme, *Finalment*, uma comédia romântica musical sobre um advogado a fugir da família à boleia pela França, de Paris a Mont Saint-Michel, passando por Avignon. Tem Kad Merad a cantar e a enjoar e é vinculativo no seu desplante de promoção de uma pose de cinema burguês para a terceira idade. E nem é resgatado com a sua insistência na "chanson française".

E já que se está no cinema francês, Marie Loisier parece querer atrair um alvo mais jovem e passou com alarido o documentário sobre a *pop star* Peaches, *Peaches Goes Bananas*. Esta *habituée* dos palcos portugueses não passou despercebida no Lido. Curiosamente, Portugal é o primeiro mercado para esta produção francesa...

Gillian Anderson numa interpretação de excelência em *A Casa da Felicidade* (2000).

Morte e transfiguração de Terence Davies

CICLO Retrospetiva integral de um dos principais autores do cinema britânico, falecido no último ano, *Terence Davies, O Cantor da Memória* é uma oportunidade especialíssima para (re)descobrir um cineasta tão singular quanto secreto – a decorrer na Cinemateca.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Terence Davies (1945-2023) é um dos nomes maiores do cinema britânico, e ainda assim permanece bastante desconhecido. Sintoma disso mesmo, quando morreu, faz agora quase um ano, os títulos dos obituários oscilaram entre a mais elementar informação – "realizador britânico morre aos 77 anos" – e o mais perentório enunciado – "mestre do cinema poético", "mestre que trouxe paixão tranquila e beleza lírica ao ecrã", ou "o maior cineasta britânico", como lhe chamou, sem meios termos, o crítico da *New Yorker*, Richard Brody. Para uns, um segredo por revelar, para outros, um segredo guardado junto ao peito. Embora alguns dos seus filmes tenham sido evocados nesses títulos, a verdade é que poucos ecoam no grande público. Talvez por esta razão: o cinema de Davies nunca se prestou ao aparato comercial, foi antes, persistentemente, uma promessa antiga, delicada e fiel a uma melodia própria, cúmplice do rio de tristeza que nos atravessa a todos.

Planeada há já algum tempo, com a intenção de contar com a presença do próprio Davies, a retrospetiva integral que a Cinemateca lhe dedica na primeira quinzena de setembro surge, assim, como uma homenagem definitiva à obra daquele que traduziu matéria autobiográfica, e também literatura, em sons (ou canções) e imagens de infinita sensibilidade e bom gosto. Daí que o subtítulo da retrospetiva, *O Cantor da Memória*, seja mais do que adequado: neste cinema o passado faz-se presente muitas vezes através do canto.

Assim o testemunhamos de forma vívida logo na sua primeira longa-metragem, *Vozes Distantes, Vidas Suspensas*, de 1988 (hoje, 21.30 horas, dia 10, 15.30), uma mistura de luto, amor e retratos de violência doméstica que se libertam pela força dos cânticos, à medida que o sentimento da classe trabalhadora de Liverpool nos anos 1950 emerge em planos fixos e suaves movimentos de câmara.

> O cinema de Davies nunca se prestou ao aparato comercial, foi antes, persistentemente, uma promessa antiga, delicada e fiel a uma melodia própria, cúmplice do rio de tristeza que nos atravessa a todos.

Esta seria então uma das assinaturas estilísticas e temáticas de Davies, ele próprio nascido na zona de Liverpool, numa família numerosa da classe trabalhadora, cujo padrão de vivência se tornou motivo principal dos primeiros trabalhos do realizador. A trilogia de curtas-metragens *Children* (1976), *Madonna and Child* (1980), *Death and Transfiguration* (1983), assim como *Aqueles Longos Dias* (1992), refletem pois uma infância – a sua – entre a mágoa da realidade e a luz trazida pelo cinema, na forma dos musicais americanos da década de 50.

Se a primeira (amanhã, 19.00 horas) é uma história de vida em três fases, com uma personagem (o alter ego do realizador) que espelha a criança órfã de pai, o homem adulto a lidar com a sua homossexualidade e a relação com a mãe, e, finalmente, o idoso às portas da morte, *Aqueles Longos Dias* (dia 6, 15.30), por sua vez, torna explícita a sua declaração de amor aos musicais de Hollywood, sobretudos os de Doris Day, atriz adorada de Terence Davies, que aqui se revela aos olhos do menino de Liverpool no período do pós-guerra, projetando na película cinzenta dos dias de escassez e conservadorismo a luz colorida da fantasia contra o drama... Essa paixão de Davies por Doris Day estará também representada no ciclo através do musical de *Gordon Douglas Apaixonadas* (1954), e o mínimo que se pode dizer é que a magia acontece quando Doris e Frank Sinatra se cruzam na grande tela (passa no dia 5, 15.30 horas, e dia 13, 19.00).

A partir dos anos 2000, a não muito extensa filmografia de Davies voltou-se mais para a literatura, embora já em 1995 *A Bíblia de Neon* (dia 5, 21.30, dia 11, 15.30) fizesse uma ponte entre o retrato da violência familiar, neste caso em cenário rural americano, e a contemplação de um texto preexistente, na medida em que ele acrescentasse tonalidades poéticas à depressão humana. Aí, os exemplos mais imediatos serão *A Casa da Felicidade* (dia 6, 21.30, dia 13, 15.30), que adapta o romance homónimo de Edith Wharton, mantendo-se no contexto americano, nova-iorquino, para desenhar a tragédia íntima de uma mulher da burguesia do início do século XX; e *O Profundo Mar Azul* (dia 7, 21:30), obra de 2011 que leva ao ecrã uma peça de Terence Rattigan sobre uma esposa que se atreve a amar fora do espartilho do casamento, caindo numa melancolia tão profunda quanto bela.

Em ambos os filmes há interpretações femininas soberbas – Gillian Anderson em *A Casa da Felicidade*, no papel da sua vida, e Rachel Weisz em *O Profundo Mar Azul* –, sem esquecer que antes Davies dirigira a grandiosa Gena Rowlands em *A Bíblia de Neon*, enquanto figura dissonante num meio evangélico... E o que dizer de Cynthia Nixon no biopic de Emily Dickinson, *A Quiet Passion* (dia 11, 21.30)? Este último e *Benediction* (dia 10, 21.30), que foi a derradeira longa-metragem do realizador, sobre o poeta Siegfried Sassoon, formariam uma nova trilogia com um filme sobre Noël Coward. Não existiu; mas há mais nesta retrospetiva que vai até ao último suspiro da obra de um cineasta único e maravilhoso.

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Um censor distraído

Voltei a ouvir há dias Jô Soares a dizer o *Fado Falado*, recordando a memória de João Villaret. É emocionante lembrar uma peça fundamental da arte de dizer, com a associação de dois nomes maiores da nossa língua. A letra e a música são de Aníbal Nazaré e Nelson de Barros e o idioma, dito pela melhor sensibilidade dos dois lados do Atlântico, tem um sabor especial com o tom adocicado ou com a consonância europeia. *"Uma história bem singela / Bairro antigo, uma viela / Um marinheiro gingão / E a Emília cigarreira / Que ainda tinha mais virtude / Que a própria Rosa Maria / em dia de procissão / Da Senhora da Saúde…"* E lembramo-nos de como Manoel de Oliveira fez *Palavra e Utopia*, pondo a representar o Padre António Vieira, Imperador da Língua, Luís Miguel Cintra e Lima Duarte, numa síntese perfeita de uma língua global. Jô Soares lembrava Nicolau Breyner, que o convidou a interpretar Villaret, recriando a nossa língua comum, mas também Raul Solnado, saudoso amigo, genial intérprete, para quem o humor era parte integrante da existência. E veio-me à lembrança um extraordinário episódio que este me contou e que não resisto a relatar. E é bom recordá-lo num tempo em que a memória parece desvanecer-se quanto à liberdade e à sombra da censura. Falo da *História da Minha Ida à Guerra de 1908*, um texto original do espanhol Miguel Gila, interpretada pela primeira vez na revista *Bate o Pé*, no Teatro Maria Vitória, em outubro de 1961. A oportunidade era significativa, estava-se no ano do início da guerra em Angola e o sucesso foi estrondoso pela subtileza e atualidade.

A censura ao espetáculo de revista era feita com a presença dos censores nos ensaios. E havia uma grande exigência nessa análise. Note-se que nos casos de Raul Solnado e Camilo de Oliveira tinha havido nessa altura a acusação da Comissão de Exame e Classificação de Espetáculos contra os dois por acrescentarem deixas não autorizadas. Porém, no caso da revista *Bate o Pé*, o número da "Guerra" não suscitou dúvidas, antes pelo contrário. Raul fez questão de apresentar a rábula de modo rápido e sem ênfase, a ponto de, para sua surpresa, o censor ter tido a preocupação de, no final, discretamente, assinalar que, tendo grande admiração por Solnado, tinha de confessar uma coisa: aquele número estava muito longe daquilo a que ele habituara, prevendo que redundaria num tremendo fiasco, sentindo-se na necessidade de o dizer, pois tinha pena de que tal ocorresse com alguém por quem tinha tanta admiração. O Raul contou-me a história com um íntimo gozo, já que conseguira ludibriar o censor, sabendo bem que o quadro iria, por certo, constituir um grande momento. O sucesso não se fez esperar, ultrapassando tudo o que se poderia prever, não apenas pela presença do público, mas em especial com a edição da *História* em disco no início de 1962, que constituiu um enorme sucesso, com repercussões que chegam aos nossos dias. Afinal, a censura corresponde sempre a uma irracionalidade, que surge de onde menos se espera, como quando António Alçada Baptista na direção de *O Tempo e o Modo* se viu a braços com o corte completo da tradução do *Hamlet* de Sophia de Mello Breyner, apenas porque uma personagem de Shakespeare se chama Marcelo e porque então em 1965 já se falava de Marcelo Caetano para suceder a Salazar…

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Opinião
Luís Castro Mendes

Escrever no verão

Ao ler durante este verão os diários de Mário Cláudio, lembrei-me dos pergaminhos ou papiros da Antiguidade, de onde nos surgem fragmentos dos poemas de Safo, das peças de Aristófanes ou dos tratados de Aristóteles, sem que possamos ter acesso à totalidade do texto original. Mas lembrei-me também de Ezra Pound, explicando a T.S. Eliot que o principal momento da escrita do poema está no cortá-lo, em expurgá-lo do que não faz falta, limpá-lo, enfim.

A escrita de Mário Cláudio, normalmente convulsa e barroca, aparece aqui limada até ao essencial, reduzida até ao osso. E as anotações mais simples do quotidiano são seguidas de sábios e subtis aforismos e as referências às árvores do jardim precedem, sem falsos pudores, os ecos da maledicência literária a que todos nos damos, mas que raramente expomos.

Aqui está um primeiro paradoxo deste *Diário Incontínuo*: o seu rigoroso e delicado pudor só é transgredido nesta rude franqueza de vir assumir aquilo que toda a gente da escrita sente, mas, por delicadeza ou hipocrisia, não diz. Humano, demasiado humano? Sim, mas tão verdadeiro…

As ilustrações do livro abrem perspetivas novas à nossa leitura, ajudando a imaginação a tornar figurativa a corrente do texto que atravessa. É que viajamos muito neste livro e em cada lugar vemos o autor lançar mais uma raiz à terra…

E assim vejo chegarem ao fim as minhas leituras de agosto, divididas entre os Camões de Isabel Rio Novo e de Frederico Lourenço e estes diários de Mário Cláudio, um rasgão nas páginas a fazer-nos entrever a vida e o percurso do seu autor. E a incitar-me a ler mais e melhor a sua obra.

A antologia de Camões, escolhida e anotada por Frederico Lourenço, mostra-nos a extraordinária cultura daquele homem, que conhecia a filosofia e a poesia greco-latinas tão bem e tão profundamente como as mulheres mais acessíveis dos "mal cozinhados" da noite de Lisboa. A subtileza da sua dialética amorosa vai muito além do seu inspirador Petrarca e abre caminhos novos a quem experimenta tais tormentosas delícias, pois *"mais vale experimentá-lo que julgá-lo/ mas julgue-o quem não pode experimentá-lo."*

O reencontro familiar, cada ano mais intenso, fez-me deixar as leituras sérias para estas últimas semanas de vilegiatura, em que só um dos filhos continua ainda connosco nos dias finais da praia. Setembro anuncia-se já, nas manhãs frias e nevoentas e nas tardes soalheiras de um suave calor, que não é já o calor triunfal e agressivo de agosto, mas o terno afago de um sol declinante.

Comigo é sempre isto, citando Mário Cláudio: *"O tempo que se esfarrapa, se recompõe, se esgaça de novo, a culpa da ausência do trabalho diário"* (*Diário Incontínuo*, p.177). Sim, neste verão pouco escrevi. Tenho dois livros prontos para os editores, mas um deles carece ainda de uma profunda revisão nas suas estruturas. Vagueio entre as ideias e as coisas, o estímulo do dia a dia e as notícias das guerras. Mas a ausência do trabalho diário de escrita (*"nulla dies sine linea"*, dizia Plínio o Velho) é pecha minha e por ela pagarei.

O consolo vem dos mesmos latinos, neste caso Horácio: *"Carpe diem"*. Não deixes escapar as réstias de sol que te aquecem e a algazarra dos filhos e dos netos que te consola. Escrever virá com as mudanças de estações. Resta-me, por enquanto, esta fidelidade semanal à minha crónica. Bom regresso de férias.

> **"Vagueio entre as ideias e as coisas, o estímulo do dia a dia e as notícias das guerras."**

Diplomata e escritor

PUBLICIDADE

emprego

REPÚBLICA PORTUGUESA SAÚDE | SNS SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE | UNIDADE LOCAL DE SAÚDE SÃO JOSÉ

AVISO

PROCEDIMENTO CONCURSAL PARA CONSTITUIÇÃO DE RESERVA DE RECRUTAMENTO DE ENFERMEIROS

Faz-se público que por deliberação do Conselho de Administração de 07/08/2024, encontra-se aberto pelo prazo de 10 (dez) dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicação do aviso no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 169 de 02/09/2024, Aviso n.º 19483, **procedimento concursal para constituição de reserva de recrutamento para contratação de Enfermeiros**, para celebração de contratos individuais com e sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, consoante as necessidades que vierem a ocorrer.

Os requisitos gerais e especiais e o perfil de competências exigido, a composição do júri, os métodos e critérios de seleção, e outras informações de interesse para apresentação das candidaturas e tramitação do processo de seleção constam da publicação integral do aviso de abertura, que pode ser consultado na página da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E. – **https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/**.

Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., 2 de setembro de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

MUNICÍPIO DO FUNCHAL
DEPARTAMENTO JURÍDICO

EDITAL N.º 669/2024

EXPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PÚBLICA DA PARCELA DE TERRENO, SUAS BENFEITORIAS E TODOS OS DIREITOS E ÓNUS A ELA INERENTES E/OU RELATIVOS, NECESSÁRIA À EXECUÇÃO DA OBRA PÚBLICA DENOMINADA "EXECUÇÃO DE BOLSA DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO – CAMINHO DO PICO DO FUNCHO" NA FREGUESIA DE SÃO MARTINHO, CONCELHO DO FUNCHAL

João José Nascimento Rodrigues, Vereador da Câmara Municipal do Funchal, no uso da competência que lhe advém do Despacho de Delegação e Subdelegação de Competências, exarado pela Senhora Presidente da Câmara Municipal do Funchal, em 1 de fevereiro de 2024, publicitado pelo Edital n.º 91/2024, da mesma data em cumprimento do estatuído no n.º 4, do art. 11.º, e n.º 2, do art. 17º da Lei n.º 168/99, de 18 de Setembro, (Código das Expropriações, na sua atual redação) e em cumprimento da alínea d) do n.º 1 do art.º 112.º, do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro, torna público que por despacho do Exmo. Senhor Vice-Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, datado de 9 de agosto de 2024, foi nomeado perito, para proceder à vistoria "ad perpetuam rei memoriam" da parcela de terreno e suas benfeitorias abaixo identificada, abrangida pelo processo de expropriação referido em título, o Senhor Engenheiro Civil Nuno Manuel de Sousa Meneses.

A vistoria foi marcada para o dia 25 de setembro do ano 2024, no seguinte horário:

Parcela de terreno, e suas benfeitorias, com a área de 1.069 m2, assinalada na planta parcelar/cadastral do projeto da obra, que confronta a Norte com o proprietário, Sul e Oeste com a Vereda e Leste com Manuel de Freitas e outros, a destacar do prédio rústico localizado no Pico do Funcho, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 49/1, da secção T, da freguesia de São Martinho e descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o número 5247/20110804, a favor de Célia Catarina Rodrigues da Silva casada com Décio Carlos Gomes Chaves, de Maria Lúcia Fernandes Rodrigues de Jesus Silva, de Martinho Libânio Rodrigues Correia da Silva, de Urbina Nídia Rodrigues da Silva, de Bebiana Vicência Rodrigues de Jesus de Castro, casada com Jaime de Castro, de José Fernandes Dantas, casado com Maria da Conceição Rodrigues Jesus Dantas, e de Maria Irene Fernandes Rodrigues de Jesus Andrade e de Sandra Maria José Jardim Fernandes, casada com Jesus Quingosta Valente Tavares, pelas 11h.

Face ao disposto no n.º 3, do artigo 21º, da Lei n.º 168/99, de 18 de setembro (Código das Expropriações, na sua atual redação), os interessados podem assistir à vistoria, se assim o desejarem, bem como formular por escrito os quesitos que tiverem por pertinentes, a que o perito nomeado deverá responder no seu relatório.

O Vereador por delegação da Presidente da Câmara
João José Nascimento Rodrigues

MUNICÍPIO DE OLHÃO

AVISO N.º 18355/2024/2

Sumário: Início do procedimento e abertura do período de participação preventiva do Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO).

Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO) — Início do procedimento e abertura do período de participação preventiva

António Miguel Ventura Pina, Presidente da Câmara Municipal de Olhão, torna público, nos termos do artigo 76.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, na sua redação atual, que a Câmara Municipal deliberou, em reunião ordinária pública de 24-07-2024, por unanimidade dos votos, determinar o início do procedimento relativo à elaboração do Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO), cuja oportunidade promove a criação de estratégias de habitação do concelho e reforço da coesão territorial, conforme mencionado nos Termos de Referência também aprovados, incide territorialmente na Freguesia de Pechão, com uma área aproximada de 64,65 ha, deverá estar concluído no prazo de 16 (dezasseis) meses, e que o plano está sujeito a Avaliação Ambiental, nos termos e para efeitos do disposto nos n.os 1 e 2 do artigo 120.º do RJIGT, consubstanciado com o definido no Decreto-Lei n.º 232/2007, de 15 de junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 58/2001, de 4 de maio.

Para a participação pública, nos termos do n.º 2 do artigo 88.º do mesmo diploma, é estabelecido o período de 15 dias úteis, contados a partir do 5.º dia útil após a publicação da deliberação camarária no *Diário da República*, podendo os interessados consultar a referida deliberação e os documentos que a integram na página oficial da Câmara Municipal de Olhão em **http://www.cm-olhao.pt/** e no Serviço de Planeamento e Ordenamento do Território, no Largo Sebastião Martins Mestre, 8700-349 Olhão.

Os interessados podem apresentar eventuais sugestões e ou pedidos de esclarecimento sobre quaisquer questões que possam ser consideradas no âmbito deste procedimento, por escrito e dentro do período atrás referido, as quais deverão ser dirigidas diretamente ao Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Olhão e realizadas por uma das seguintes formas: diretamente no Balcão Único da Câmara Municipal de Olhão, no Largo Sebastião Martins Mestre, 8700-349 Olhão, através dos correios ou para o seguinte endereço de correio eletrónico: **geral@cm-olhao.pt**.

Para constar, publica-se o presente aviso que vai ser afixado nos lugares de estilo, bem como publicado em 2.ª Série de *Diário da República*, divulgado através da Plataforma Colaborativa de Gestão Territorial e na imprensa.

1 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal de Olhão
António Miguel Ventura Pina

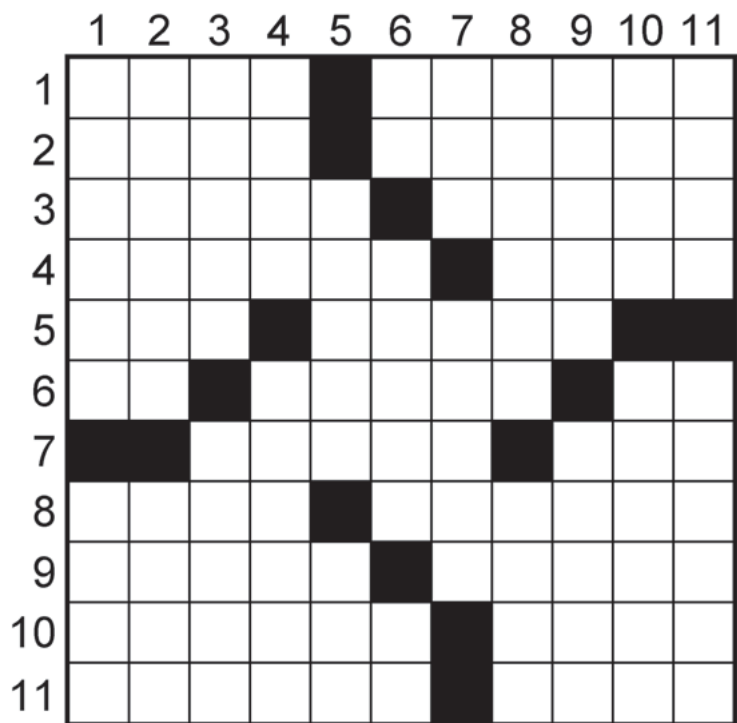
DELIBERAÇÃO

Proposta número trezentos e cinco barra dois mil e vinte e quatro — Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO) — Início de procedimento e abertura do período de participação pública — Presente uma proposta subscrita pelo senhor Presidente da Câmara Municipal, referente ao assunto em título, cuja cópia se encontra em anexo à minuta da presente ata. Deliberado por unanimidade dos votos aprovar os diversos pontos da presente proposta, nomeadamente: Iniciar o procedimento relativo à elaboração do Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO), nos termos do número um do artigo setenta e seis do decreto-lei número oitenta barra dois mil e quinze, de catorze de maio, na sua redação atual, que aprovou o Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial (RJIGT), seguindo os procedimentos legais definidos no mesmo diploma legal; Aprovar os Termos de Referência para a elaboração do Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO) e respetiva documentação anexa (Anexo I); Determinar que a elaboração do Plano de Pormenor João de Ourém (PPJO) está sujeito a Avaliação Ambiental nos termos e para efeitos do disposto no número um e no número dois do artigo cento e vinte do RJIGT, consubstanciado com o definido no decreto-lei número duzentos e trinta e dois barra dois mil e sete, de quinze de junho, alterado pelo decreto-lei número cinquenta e oito barra dois mil e onze, de quatro de maio, de acordo com o Anexo II; Proceder à abertura do período de participação preventiva, nos termos do número dois do artigo oitenta e oito do RJIGT, estabelecendo o período de quinze dias úteis 22-08-2024 para o efeito, contados a partir do quinto dia útil após a publicação, no *Diário da República*, da presente deliberação; Definir o prazo máximo de dezasseis meses para a conclusão da elaboração em causa; Aprovar a minuta do aviso (Anexo III) a publicitar a deliberação abertura do procedimento, nos termos do número um do artigo setenta e seis e da alínea c) do número quatro do artigo cento e noventa e um do RJIGT, procedendo à sua divulgação nos lugares de estilo, através da comunicação social, na plataforma colaborativa de gestão territorial e no sítio eletrónico do Município; Dar conhecimento à Assembleia Municipal de Olhão da presente deliberação e da documentação que a acompanha; Comunicar à CCDR Algarve o teor da presente deliberação e da documentação que a acompanha e Aprovar a deliberação que recair sobre a presente proposta, em minuta, nos termos do disposto no número três e para os efeitos do preceituado no número quatro do artigo cinquenta e sete da Lei número setenta e cinco barra dois mil e treze, de doze de setembro.

Pedro Miguel Grilo Pinheiro, Chefe da Divisão Jurídica da Câmara Municipal de Olhão certifica que a presente deliberação está conforme o original e foi extraída da ata número dezoito da reunião ordinária pública da Câmara Municipal de Olhão realizada no dia vinte e quatro de julho de dois mil e vinte e quatro.

1 de agosto de 2024

O Responsável, Chefe da Divisão Jurídica
Pedro Miguel Grilo Pinheiro

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Povoação de categoria superior a aldeia e inferior a cidade. Livra-se. **2.** Vereador. Sujar e contaminar o ambiente com produtos resultantes da laboração humana. **3.** Émulo. Cosmético usado para pintar ou proteger os lábios. **4.** Rir sem fazer ruído. Reside. **5.** Aperto com nó. Fluido não líquido. **6.** Rádio (símbolo químico). Gerar. A mim. **7.** Lubrificar. Dez vezes dez. **8.** Pé e perna do animal. Reprovação em exame (académico). **9.** Arremessa. Campesino. **10.** Prática constante. Faixa de rio, navegável e paralela à margem. **11.** O natural da Alemanha. Discursar.

Verticais: **1.** Dizer respeito. Com destino a (preposição). **2.** Falto de inteligência. Grupo circular de ilhas de coral. 3. Obra científica ou literária de certa extensão. Inflamação do ouvido. **4.** Levantar. Instrumento de sopro, com ou sem pistões, de som estridente. **5.** Que tem liberdade. Muito pequena. **6.** Empresa Pública. Despontar no horizonte. «A» + «o». **7.** Debaixo de (preposição). Não continuar. **8.** Algazarra. Salto. **9.** Criador. Enrubescer. 10. Inferior. Mensalidade. **11.** Recurso (figurado). Meter em mala.

SUDOKU

	7		1	8		4	9	
2		8	7				5	6
		9				2		
				9			1	7
	8		5	6				
	2	1			4			
		4						9
5		7		2	8		6	
3			6			5		1

SOLUÇÕES

	7		1	8		4	9	
2		8	7				5	6
		9				2		
				9			1	7
	8		5	6				
	2	1			4			
		4						9
5		7		2	8		6	
3			6			5		1

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Vila. Escapa. 2. Edil. Poluir. 3. Rival. Batom. 4. Sorrir. Mora. 5. Ato. Vapor. 6. Ra. Criar. Me. 7. Olear. Cem. 8. Pata. Raposa. 9. Atira. Rural. 10. Rotina. Lada. 11. Alemão. Orar.

Verticais:
1. Versar. Para. 2. Idiota. Atol. 3. Livro. Otite. 4. Alar. Clarim. 5. Livre. Anã. 6. EP. Raiar. Ao. 7. Sob. Parar. 8. Clamor. Pulo. 9. Autor. Corar. 10. Pior. Mesada. 11. Arma. Emalar.

ORLANDO ALMEIDA/GLOBAL IMAGENS

O Aurea Museum, que promove visitas--guiadas pelos vestígios arqueológicos ali encontrados, é uma das unidades hoteleiras que abre as portas gratuitamente nesta iniciativa.

EGEAC/JOSÉ FRADE

Vestígios de uma casa pombalina no Museu de Lisboa – Teatro Romano.

EGEAC - MUSEU DE LISBOA/ JOSÉ AVELAR

Casa particular.

EGEAC/JOSÉ FRADE

Museu do Aljube.

EGEAC/JOSÉ FRADE

A visita guiada ao parque de estacionamento do Campo das Cebolas explica tudo o que existia e que foi preservado ao detalhe.

Dois dias para ver os vestígios da Lisboa de outros tempos

ARQUOLOGIA O Open House Arqueologia, que acontece nos dias 14 e 15, vai oferecer visitas--guiadas a hotéis, museus, lojas, chafarizes, casas particulares e até parques de estacionamento. Tudo para conhecer melhor as várias camadas históricas da capital.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Quem chega ao Rossio, em Lisboa, junto à estátua de D. Pedro IV, não encontra qualquer vestígio arqueológico do grande circo romano que ali existiu. No entanto, este local será um dos 44 sítios que fazem parte do programa do Open House Arqueologia, que vai decorrer na capital no fim de semana de 14 e 15 deste mês. "Não há vestígios, não há pedras, não há nada", admite Lídia Fernandes, coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano, que organiza a iniciativa e que, entre 1995 e 1997, integrou a equipa de arqueólogos que escavou ali aquele que foi este grande achado.

Estava a proceder-se a obras da expansão do Metro de Lisboa e era necessário abrir um poço na praça D. Pedro IV para que a máquina Maria Lisboa, "uma toupeira gigante", abrisse o túnel. Foi aí, a sete metros de profundidade, que se encontraram vestígios da spina, parte central da arena do circo romano que ali foi edificado muito provavelmente no século II. "O que foi escavado justifica a ida a um local onde não se encontra nenhum vestígio", diz Lídia Fernandes. Aliás, após estudada, fotografada, registada e arquivada, "essa parte teve de ser destruída." Houve receios de que os participantes na Open House Arqueologia se sentissem defraudados, mas a importância deste local para aquilo que Lisboa é atualmente justificou a sua inclusão no programa. "A cidade atual deve a sua fisionomia ao circo romano", explica a arqueóloga.

Este será o único local da terceira edição do Open House Arqueologia sem qualquer vestígio arqueológico. "Tudo o resto são estruturas que, em maior ou menor quantidade, têm vestígios", garante Lídia Fernandes. Com o programa anunciado há poucos dias, há espaços para os quais as visitas já estão esgotadas. "Queremos tornar a arqueologia inclusiva", realça a responsável, lembrando que as visitas são guiadas, em muitos casos, pelos próprios arqueólogos que as escavaram e realçando que estes, apesar de serem muitas vezes considerados "uns empata-obras", darão um testemunho muito profundo e rico acerca do que resistiu à passagem do tempo e à necessidade de modernização da cidade.

E "há exemplos muito curiosos" na programação, que inclui visitas a hotéis, museus, lojas, chafarizes, casas particulares e até parques de estacionamento. Na Praça Luís de Camões, quando se construiu o parque que agora lá existe, foram postas a descoberto as ruínas dos Casebres do Loreto, do século XIX, e as estruturas do Palácio do Marquês de Marialva, de meados do século XVII. No Campo das Cebolas, na reabilitação realizada em 2016, encontraram-se um cais pombalino e duas embarcações do século XIX. "É um dos parques de estacionamento mais bonitos da cidade", opina a arqueóloga, garantindo que esta é uma visita "absolutamente extraordinária."

No Corpo Santo Hotel, há um troço da Muralha Fernandina e vestígios da Torre de João Bretão e do Palácio Corte Real, "uma coisa fantástica." Já no Memmo Alfama, existem vestígios de fornos do século XIX, de uma antiga vila operária e de estruturas de um palácio. No Museu do Dinheiro, encontra-se um troço da muralha de D. Dinis e deste mesmo palácio. Numa garrafeira, poderá ser visto um tanque romano de salga de peixe e, numa casa particular da Rua de São Mamede, o que resta do edifício pombalino ali erguido.

No próprio Museu de Lisboa – Teatro Romano, a visita mostra uma habitação do século XVII/XVIII, danificada pelo terramoto de 1755, mas com algumas estruturas ainda visíveis, às quais, excecionalmente, será possível aceder.

O Museu Nacional de Arqueologia, que atualmente se encontra encerrado para obras, oferece a oportunidade única de conhecer a ala do Mosteiro dos Jerónimos, onde se instalou em 1903, e compreender a evolução do monumento do século XVI até ao século XX. O Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, equipamento que guarda materiais arqueológicos recolhidos em meio aquático, também integra o programa do Open House Arqueologia, iniciativa que tem vindo a conquistar cada vez mais participantes e a agregar mais visitas. Este ano, são 111 no total. "Há pessoas que andam num virote a tentar percorrer os sítios todos", comenta Lídia Fernandes. Mas para isso é necessário efetuar inscrição por e-mail, através do endereço: *openhousearqueologia@museudelisboa.pt*.

Diario de Noticias

Quarta-feira, 3 de Setembro de 1924

Na linha do Douro descarrilou um comboio sem que felizmente haja vitimas a lamentar.

A CHINA em guerra

PRAIAS E TERMAS — AS CALDAS DA RAINHA, da Rainha Primavera...

O BRASIL agitado

A QUESTÃO DA PESCA

UM RATO

A TRASLADAÇÃO DO CADAVER DO AVIADOR MONTEIRO SIMÕES

RAYMOND LANGE

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 3 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PRAIAS E TERMAS

AS CALDAS DA RAINHA,

da Rainha Primavera...

Um monumento a Bordalo—O mercado—O povo das Caldas—Uma corrida de amadores—O Parque—O Casino—A louça das Caldas—As termas—Foz do Arelho e S. Martinho—Uma paisagem

A QUESTÃO DA PESCA

Um caso deveras interessante

O sr. Nuno de Campos, capitão de fragata, esteve ontem na capitania do porto de Lisboa a levantar auto de transgressão contra os mestres das traineiras espanholas «Limones» e «Chaputa», que foram apreendidas pela canhoneira «Bengo» sob a acusação de terem pescado em aguas portuguesas.

Foram ouvidos os mestres e pessoal do fogo, declarando todos não ser verdadeira a acusação, porque, disseram, sairam de Vigo para Algeciras, indo depois pescar para Larache, costa marroquina, onde andaram oito meses, voltando agora a Vigo, não com carga de sardinha, mas com a de marmotas e bezugos, pois os seus aparelhos são de arrasto. Como as traineiras são pequenas, vieram sempre encostadas á costa por causa do mar, sendo apanhadas no Cabo Espichel.

Aos interrogatorios assistiu um empregado do consulado espanhol.

Ao que nos consta, as traineiras apreendidas pertencem ao sr. D. José Barrera Massó, um dos delegados da missão espanhola actualmente entre nós para negociar um convenio sobre a pesca. Tambem nos consta que este senhor esteve já na capitania do porto a dizer das suas razões sobre o facto de os barcos terem sido apanhados a pescar em aguas portuguesas, parecendo que, apesar de todas as explicações, pagará hoje a multa suspensa.

A chalupa franceza «Yvonne et Marie», ha tempos apreendida por igual motivo, ainda está no Tejo por se encontrar preso o respectivo mestre.

Os seus proprietarios não pagaram ainda a multa de 2 000$00 que lhes foi imposta.

UM RATO

que canta como os rouxinois

Julio Camba, cronista espanhol dos mais vivos e dos mais mordazes, afirmou um dia que a America bate todos os «records» do extraordinario. Se na Europa se dá uma catastrofe ferroviaria, com duzentos mortos, a America, para não lhe ficar atrás, anuncia três dias depois que o expresso da California descarrilou, causando quinhentas vitimas. Se a Torre Eiffel anuncia ao mundo que uma alta e intensa vaga de calor assola Paris, Nova York responde, mesmo que seja inverno: 40° de temperatura á sombra; «duches» á população, nas praças... derreteram-se os asfaltos. Se o Tamiza transborda e inunda a City ou o Whitlhepel, o Far-West transforma-se no Oceano Pacifico—e este recorda-se do diluvio, em tempos biblicos de Noé.

Chega-nos agora de Nova York a graciosa e pouco romantica noticia—leitores de Bernardim Ribeiro!—dum rato que canta como um rouxinol.

Bobsley, milionario de Cincinnati, é o revelador do estranho fenomeno. Tendo prometido aos seus amigos apresentar-lhes um rouxinol maravilhoso, quando estes esperavam ver, em dia previamente aprazado, a gaiola de ouro, onde espanejasse a divina ave—Bobsley, que gosta de fazer as suas, sacou do bolso uma diminuta caixinha, coberta de rede, onde se movia um rato, não sabemos se cinzento, se branco, se negro, que emitiu uma série de notas, um tudo nada semelhantes em harmonia e em som ás do rouxinol.

Musicalmente o ratinho está ainda longe de ser o tenor da natureza. Bobsley afirmou ter consagrado á garganta do roedor anos e anos de ensino. E como é americano, e como é milionario, e como não tem nada que fazer, promete num futuro proximo transformar o seu rato fenomenal num lamartiniano rouxinol, que fará cair de inveja as penas dos seus irmãos.

Não sabemos se as rimas da poesia romantica serão alteradas... O que sabemos, porque o telegrama americano sublinha, é que o rato do sr. Bobsley tornou-se celebre em poucos dias, tendo já mesmo dado um concerto pela telegrafia sem fios. A ilusão auditiva foi perfeita.

Gato por lebre era uma das surpresas culinarias das barracas da antiga feira de Alcantara, mas rato por rouxinol, nem o Chaby, no «Conde Barão», se atreveu a impingir, ao misturar o melro com o «Fiel»...

CARTAS DO ORIENTE

O LAR DOS PORTUGUESES

Uma bela associação destinada a manter, valorizar e expandir a acção portuguesa no Extremo Oriente

A melhor afirmação de vitalidade portuguesa no Extremo Oriente são as nossas comunidades.

Disseminadas pela Asia, formam em Shanghai, Cantão e Hong-Kong nucleos de importancia notavel. Em Kobe, Manila e outros pontos, menos numerosas nem por isso deixam de constituir elementos a valorizar.

Descendentes ou irmãos dos macaenses, guardam, como eles, avaramente e orgulhosamente um grande sentimento patriotico; mas expatriados pelas necessidades da vida, na convivencia permanente com estrangeiros e recebendo o influxo da civilização destes, ressentem-se mais ainda do que os habitantes de Macau da falta do braço acarinhante, afectivo e educador da Mãe-Patria: falta-lhes o «sentir» nacional, o lusitanismo.

Debalde alguns governadores do nosso Extremo Oriente favoreceram certas comunidades no intuito de as aproximar de Macau e, consequentemente da Metropole.

Foi assim que se adiantaram, a juro modico, 177.000 patacas para a construção do «Clube Lusitano» de Hong-Kong; é por isso que grande parte da acção das missões exerce a sua influencia fóra de Macau e com elas se dispende proveitosa verba; dentro da mesma orientação concorre a Provincia com 2.000 escudos-ouro para a manutenção do consulado de Hong-Kong, com 5.112 escudos-ouro para o pagamento a interpretes, com o subsidio de 1.000 escudos-ouro á escola de português da Associação de Socorros Mutuos de Hong-Kong, com o de 6.000 escudos-ouro para o densenvolvimento do ensino da lingua portuguesa e finalmente com o de 40 contos-ouro para auxiliar a construção da casa da Comunidade portuguesa de Shanghai.

Um rapido exame dos fins a que se destinam estas verbas (e tão heterogeneas!) mostra que a sua distribuição não obedeceu a um plano geral de assistencia ás Comunidades—que todas são irmãs e com os mesmos direitos—mas á pressão dos mais fortes sobre o governo de Macau ou ás habilidades de bem urdido empenho.

Daí dispender a provincia, aproximadamente por ano, 75.000 patacas (mais de 1.175 contos ao cambio) e ter dado em subsidios 265.000 patacas para a propaganda portuguesa no Oriente que afinal se não faz ou é quasi nula.

Na distribuição dos dinheiros da Provincia não houve directiva geral, como se vê: as verbas cosem-se aos retalhos como em manta de ciganos se cosem os farrapos.

Ora o merito da proposta n.º 11, apresentada ao Conselho Legislativo pelo governador dr. Rodrigo Rodrigues e publicada em 15 de Março do ano passado, é precisamente o de subordinar a um criterio metodico e racional os dispendios com as colonias populacionais portuguesas, estabelecendo a comunhão nacional uniformemente.

Desta subordinação nasceu o «Lar dos Portugueses no Oriente», cujos fins vêm expressos nos artigos 1.º, 3.º, 4.º e 7.º da citada proposta.

Vejamo-los:

Artigo 1.º—Com sede na cidade de Macau, e edificio para este fim destinado pelo governo, será criada uma associação destinada a manter, volorizar e expandir a acção portuguesa no Oriente, a qual se designará «Lar dos Portugueses no Oriente».

Art. 3.º—O fim especial da associação é—além de manter e organizar a séde em Macau—construir e organizar em Hong-Kong, Xangai, Cantão e outras localidades onde venha a ser considerado preciso, o «Lar dos Portugueses», que terá um edificio proprio, especial, conjunto ou separado, destinado a ter devidamente instalados: a) O consulado e residencia do consul; b) A associação dos portugueses, filial do «Lar dos Portugueses no Oriente»; c) Uma associação de auxilio mutuo; d) Uma escola da lingua portuguesa, com lições de historia patria e conferencias.

Art. 4.º—A séde em Macau constará:— a) de um edificio proprio onde se realizem os actos sociais, possam reunir os Congressos dos Portugueses do Oriente e de onde dimane a acção de propaganda e estudo; b) de um internato modelar masculino para os filhos dos portugueses no Oriente poderem frequentar, devidamente assistidos, as escolas oficiais e serem cuidadosamente educados; c) de um colegio feminino modelo a que todos os portugueses possam entregar confiadamente a educação das suas filhas entre os 6 e 15 anos.

§ unico.—A séde do «Lar dos Portugueses» editará regularmente um boletim «Portugal no Oriente», onde defenda e dê expansão aos fins da associação.

Art. 7.º—A séde promoverá congressos dos portugueses no Oriente, para definição das aspirações a realizar; organizará e dirigirá o ensino de português e historia junto de cada filial, o qual será, em regra, exercido pelo numero preciso de professores, missionarios da Metropole, devendo tambem promover nas filiais e séde do Lar conferencias e visitas feitas pelos vultos da nossa nacionalidade de todos os ramos do valor humano, das sciencias, comercio, artes, etc.

Destes artigos devemos concluir não só o que á primeira vista ressalta, mas quanto de util se pode fazer á sua sombra, ás Comunidades, a Macau, ás outras colonias portuguesas e á Metropole.

A finalidade do «Lar» é especialmente de caracter afectivo, social e economico. Sob o primeiro aspecto, o «Lar» unirá pela convivencia os membros de cada Comunidade, ligando-a ao organismo central de Macau que, por sua vez, estreitará as relações de todas elas e a influenciará do lusitanismo de que organicamente deve estar embebido. O culto da Patria, o estudo da lingua, a direcção do ensino, a educação, numa palavra, ficarão confiados aos «Lares», serão nacionalizados, serão portugueses.

Dos laços afectivos nascem os sociais. Chamando a si a formação dos caracteres, os «Lares» farão não somente obra portuguesa, mas obra de molde a melhorar as condições de existencia dos cidadãos seus componentes, preparando-os a acompanhar o desenvolvimento dos meios em que vivem.

E' necessario ensinar a par da nossa lingua, da nossa historia, da nossa geografia, da nossa arte, das nossas sciencias e das nossas letras, as linguas estrangeiras, indispensaveis no Oriente, noções gerais de comercio e muito especialmente as nossas possibilidaes economicas.

O desenvolvimento, a riquesa das comunidades na China vêm-lhes do comercio com os paises de que são originarias. E porque não fazem os portugueses esse comercio? Porque sendo na quasi totalidade de Macau nunca ninguem lhes disse o que Portugal e as suas colonias exportam nem os produtos de que carecem.

Aos «Lares» compete, pois, elucidá-los, incitá-los e ampará-los e aos consules, de harmonia com o espirito dos proprios «Lares» e o da função do Ministerio dos Estrangeiros, protegê-los e defendê-los.

Começa aqui a sua função economica. De cada membro das comunidades portuguesas é necessario fazer um caixeiro viajante das nossas exportações. Para esse fim, junto de cada «Lar» e sob a sua direcção ou da do consul deve existir uma Exposição Permanente de Produtos Portugueses, especie de feira de amostras aonde se não venda, mas aonde se forneçam todos os esclarecimentos necessarios ao comercio: indicação dos fabricantes ou firmas exportadoras, dos meios de transporte, seguros, fórmas de pagamento e preços «fob» e «cif», o que não é dificil no Extremo Oriente onde a vida se faz em ouro e em ouro pouco alteram os preços as mercadorias e se alteram em paises de moeda desvalorizada, como o nosso, é sempre em favor do exportador ou do fabricante.

As Exposições Permanentes, como de resto toda a publicidade, não bastam, no entanto, por si só. Ao lado dos mostruarios e dos propagandistas tornam-se indispensaveis os armazens de venda. Para isso organizar-se-ão sociedades anonimas ou Cooperativas de Credito e Consumo, como a que se está organizando em Cantão, por exemplo, e que serão o mercado que ha de irradiar para o interior da China os produtos portugueses que os portugueses venderão quando não tenham capitais suficientes para se estabelecer por conta propria.

As Cooperativas devem ser o ultimo entreposto da serie dos entrepostos nacionais: Lisboa, o da produção metropolitana e colonial do ocidente, dali virão pela primeira estrada maritima comercial do oriente para Macau (segundo entreposto) e a Macau ir-se-ão estabelecer as Cooperativas.

Outro aspecto ainda dos «Lares» e que poderemos enquadrar na sua finalidade social é o que respeita á assistencia mutua. Junto de cada «Lar» funcionará uma Associação de Socorros que aos membros da Comunidade dê as vantagens de todas as congeneres: medico, farmacia, enfermaria, postos de socorros, pensões ás viuvas, educação dos filhos, etc.

FELIX HORTA.

quim.—Especial.

RAYMOND LANGÉ

Um jornalista francês em Lisboa

As suas primeiras impressões de Portugal, confiadas ao "Diario de Noticias"

Uma entrevista com um jornalista feita por outro—é sempre uma entrevista rapida e sintetica. O primeiro dispensa apresentação. O segundo, joga a descoberto, não aplicando ao camarada aquelas frases sinuosas ou escorregadias com que é de uso, em jornalismo, atacar as personalidades enigmaticas.

Raymond Langé—é um jornalista «en vacances». Nome que brilhou já nas colunas do «Rappel» e anda agora á cabeça do «Intransigeant», um dos mais modernos e dos mais palpitantes jornais parisienses—Raymond Langé tirou dez dias ás suas ferias e veio passá-los a Portugal.

Fixemos o dialogo:

—Já escreveu a sua primeira cronica?

—Não escrevi ainda, nem penso nela. Venho descansar. No entanto, como um jornalista nunca deixa de o ser, é possivel que não resista á tentação...

—De fazer um inquerito politico?

—Não! Não conheço a vossa politica. Apenas as minhas impressões...

—Boas?

—Admiraveis. Quando passei a fronteira ouvi a minha lingua. Enterneceu-me...

—Paisagem...

—Admiravel! Rude, selvagem, vulcanica, nas ravinas da Serra da Estrela. Ardente, deslumbrante de côr, ao passar o Mondego...

—Uma opinião: o que deve ser o jornalismo moderno?

—Deve ser feito apenas de informação. Eclectico, variado, profuso de acontecimentos, de assuntos. Teatro, arte, musica...

—Politica...

—Nenhuma! Se a tiver, se a defender, reduz o seu circulo de acção e de expansão.

—Falámos de politica... A de Herriot? E' uma pregunta que faço ao jornalista.

Um sorriso francês, amavel, mas vago, a encobrir uma opinião:

—Politica pacifista... Uma formula...

—Que...

—...está agarrada á esperança da conferencia de Londres.

—Quanto tempo se demora?

—Oito dias.

—O que impressionou em Portugal...

—Buçaco! Coimbra, admiravel scenario medieval, onde gostei de encontrar os estudantes. Viu-os em Paris. Mas em Coimbra tinham mais expressão, mais caracter, mais relevo. Fizeram-me compreender, e o que é mais, sentir essa palavra tão crucificada de melancolia e de tristeza que tendes na vossa lingua: Saudade!

REPARAÇOES "EN NATURE"

O sr. Armando Navarro, nosso consul em Paris e delegado de Portugal á Comissão de Reparações, esteve ontem no Palacio das Necessidades, onde conferenciou, durante três horas, com o ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Vitorino Godinho, sobre o momentoso problema das reparações «en nature» que, depois da Conferencia de Londres, segundo as nossas informações, entrou numa fase mais favoravel aos interesses do pais, e imediatamente realizavel.

lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 036/2024 **2.º PRÉMIO: 63000**
1.º PRÉMIO: 20394 **3.º PRÉMIO: 66712**

EURO DREAMS
SORTEIO: 071/2024
CHAVE: 3-20-24-27-33-36 + 3

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Avião utilizado pelo presidente venezuelano em Fort Lauderdale, na Florida, após ter sido apreendido.

EPA / CRISTOBAL HERRERA-ULASHKEVICH

EUA apreendem avião de Nicolás Maduro

VENEZUELA Os Estados Unidos alegam violações das sanções para justificar a apreensão do aparelho usado pelo presidente venezuelano, um Falcon 900.

Os Estados Unidos apreenderam um avião que pertence ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciaram ontem as autoridades norte-americanas. O avião estava na República Dominicana e foi transferido para a Florida. Os EUA alegaram violações das sanções para justificar a apreensão da aeronave.

"O Departamento de Justiça apreendeu uma aeronave que foi adquirida ilegalmente por 13 milhões de dólares através de uma empresa de fachada e foi contrabandeada para fora dos EUA para ser usada por Nicolás Maduro e seus cúmplices", disse o procurador-geral Merrick Garland em comunicado.

O portal de rastreio de aeronaves Flight Radar 24 mostrou que o avião, um jato particular Dassault Falcon 900EX, voou de Santo Domingo para Fort Lauderdale durante a manhã de ontem, segunda-feira.

Os EUA referem que, no final de 2022 e início de 2023, indivíduos vinculados a Maduro teriam usado uma empresa fantasma com sede nas Caraíbas para ocultar a sua participação na compra ilegal do avião.

Em abril de 2023, a aeronave foi exportada ilegalmente dos EUA para a Venezuela através das Caraíbas, e a partir de maio desse ano, voou quase exclusivamente de, e para, uma base militar na Venezuela.

A Venezuela vive uma grave crise política desde as eleições de 28 de julho, com Maduro a ter sido proclamado vencedor para um terceiro mandato de seis anos. A oposição afirma que venceu de forma esmagadora e que tem os registos da votação para provar. O Governo de Maduro, que rejeita acusações de autoritarismo, não publicou uma contagem de votos que legitime a sua vitória, apesar da intensa pressão internacional.

"Maduro e os seus representantes manipularam os resultados das Eleições Presidenciais de 28 de julho, alegaram falsamente vitória e promoveram uma repressão generalizada para manter o poder pela força", disse um porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA.

A apreensão do avião "é um passo importante para garantir que Maduro continue a sentir as consequências do seu desgoverno na Venezuela", acrescentou Merrick Garland.

Desde 2005, Washington impõe sanções a indivíduos e entidades na Venezuela "que se envolveram em ações criminosas, antidemocráticas ou corruptas", segundo documento do Congresso dos EUA.

DN/AFP

BREVES

Volkswagen admite fechar fábricas na Alemanha

A Volkswagen está a considerar o fecho de fábricas e despedimentos na Alemanha, como parte de um plano de redução de custos, para fazer face a uma "situação extremamente tensa". Segundo nota do CEO do grupo, Oliver Blume, citada pela AFP, a Alemanha "está a perder cada vez mais terreno em termos de competitividade" e "o encerramento de fábricas nos locais de produção de veículos e componentes já não pode ser excluído". A concretizar-se, a decisão de fechar uma fábrica seria a primeira desde 1988, quando a empresa fechou a fábrica em Westmoreland, nos EUA. Já na Alemanha, a Volkswagen nunca fechou uma fábrica nos seus 87 anos de história. Na nota, o CEO também admite despedimentos, ponderando abandonar um acordo datado de 1994 que protegia empregos até 2029, já que as medidas que têm sido tomadas para cortar custos, como reformas antecipadas e saídas voluntárias, podem não ser suficientes. A Volkswagen "deve agora agir de forma decisiva", pois "a indústria automóvel europeia encontra-se numa situação muito exigente e grave".

Mia Couto vence prémio FIL de Guadalajara 2024

O escritor moçambicano Mia Couto venceu ontem o Prémio FIL (Feira Internacional do Livro de Guadalajara) de Literatura em Línguas Românicas 2024, no México. O júri decidiu atribuir o prémio por unanimidade, algo que "diz tudo quanto ao reconhecimento da obra [de Mia Couto], do que significa literariamente, para a língua portuguesa e para quem escreve literatura nesse subúrbio da língua portuguesa que é Moçambique", referiu o ensaísta e professor português Carlos Reis, que integrou o júri e a quem coube anunciar o nome do vencedor. Com este prémio "reconhece-se uma obra literária notável que inclui crónica, conto, novela", considerou o júri, composto por sete críticos literários e escritores. O vencedor, que recebe um prémio de 150 mil dólares (135,5 mil euros), foi escolhido entre 49 autores de 20 países, que escrevem em seis línguas: catalão, castelhano, francês, italiano, português e romeno. A ministra da Cultura portuguesa felicitou pouco depois o escritor, sublinhando que a distinção "honra a língua portuguesa" e enaltece os seus autores", escreveu Dalila Rodrigues em nota.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56747